

HISTÓRIA DO MOBILIÁRIO
PORTUGUÊS

Para a "Enciclopédia" da "Fabbri"

Ponto
14. Setembro - 58

Meu car Bonnard

Em jovem frase, ali haverá as notas que lhe envio. Vai lá até aos meados de A.C. XVIII, mas não quero estar a desmanar nada. Também que se imanta a A.C. e vai enfocar-me de anti-bióticos, para poder fazer-lh. com volta no século. Mal chegue, aconselho as notas a partir de "D. Jui" e mandá-lhas imediatamente.

Muito o hospital pelo conceito e, se Deus quiser, aí aparecerá um dia, como tanto julgamos.

Decolho o meu unit que isto vai. Andem um os olhos e aí dem nos seus di'ficul-tam um a prática.

Muito parece bem pela "Anon de Jui". Como era de esperar, e de primeira ordem. Muito no bem deduzido, estruturado e documentado. Decidi-lament, tomei conta Joaquim de Vasconcelos!...

Muito saudade minha para todos e um abraço um unit amigo

 de 14/9/58

SJC. XVI

- Camara de aporati - Aut.º Loucastro ✓
- " dos Marqueses de Salzedo - Palacio de Guita
- " dos Castros - M. Soam dos Reis
- " dos duques de Cadaval - ?

- Anca data de 1585 - Fernando
- " de D. Vasco de Gama - Com. Vilhena
- " espartilhadai - M. Ant. Antifa / aux antoi
- Anca de ijuja - Ijuja da S.ª Cruz - Coimbra

- Caluna. de. magoi - Antão Santos de eunho (?)
- " " " - Walter Rudell
- " " " - E.A.P.S.
- " " " - Conv. S.ª Maria de Baum ✓

- Arquivo antilhado ind. post. - Museu de Viana (M.º XVI?)
- " " " " - Carlos Costa - Mel (S.ª Jui de Melina)

Caixa ind. post., antilhada e lacada - Fernando

- Mesa dita " de lias" (anplim) - Ant. Santos de eunho
- " " " " - Jui Barlot
- " " " (f. sent.) - " "
- " " " " - E.A.P.S.
- " " " (" anplim) - Jui Sobel Mendes

Escritorio

Cama "toncidos" e aplicações multilíneas
 " " de 3 cordões
 " " calças e entalhe de
 " Tomada e amni, aplic. multilíneas
 " " 1/2 " "
 " " " "
 " " " , entalhe de mangas

- Beas Pint de Silve
- E.R.P. 5.
- "
- Joaquim Thom
- Page Dugun Bropanço (pele)
- M. Ant. Antje (1 ou 2 exilados)

Anca de jeansant
 " " div. malinas
 " " entalhe de, ind. - pantalões

- Luiz Ferreira
- Hê lentes e boos! ...
- Pedro Silva (é possível q. seja o filho de ec. XVIII)

Anca de entalhe de ind. - pant.
 " " jeansant
 " " ipeja

- M. João de Rui
- ANT. de Carvalho (Pernambuco)
- É difícil a recolha.

Amênia lancia div. malina
 " " p. santo
 " " localo azul

- Álvaro Eiza Mechelo
- David Pinho
- Analdo Fougelos

Missa dita "de lino" e ambrósio de marfim — Dr. Af. Ferreira de Brito
 " " " " " " — Bernardo Faria
 " " " " " " — Nazareth

Missa inde-participans

Quantidade de véias — Museu do Encarnado

Missa de jovens Tomadas

Bofete q. foi à exp. de Londres —
 Missa sem ano, trabalhos importantes, etc. — E.R.P.S.
 Bofete de jovens e trabalho tomados de 3 cordal — Casa de Siquinos — Mosteiros

Missa de jovens Tomadas

~~Missa de jovens Tomadas~~

Missa uniaxial

P. Santo, e ambrósio de marfim — E.R.P.S.

Esculturas

Pan-sant e ambrósio de marfim — João Homem de Nello
 " " " " " " — Nazareth

Contadores Pontifícios

Pan-sant lino, dita "filipico" — E.R.P.S.
 Pan-santo e colunas no corpo superior — O q. foi à Exp. Londres

Contadores Inde-participans

Quantidade colunas — Sr. Auxilio Vaz Pinto

Sic. XVIII - D. fri V

Camas de melina e vilto

De jau-sant, monument (Talvez seja fri ar) - Manizinha Butencourt
 " " " , colunas torcidas a 3 cm - M^o Camas e Camilha

Camas jiu teden

Ancas

Ancas

Ancas

Sic. XVIII - J. fri V - cont. ⁵⁰

Missa di missa

Pancasanti (2) - Annali di Sicilia

Missa di Ji-di-Jalo

- Bonaventura Fazio
- M. fuma Jungi

Missa di cantu

Missa di Vr

- M. fuma Jungi

ebundum

Missa ebundum

- M. fuma Jungi

Sant'Antonio

J.S.T: Missa "di canula"
 Tomada di 3 corda - August
 Avarul

Maggi vltu

~~3 di J. (S. Antonio)~~
~~Pancasanti - Alberto S. fuma Jungi~~

calizni-din-lung

Locale — Bunch Femi

calizni de costura

N: calizni Portu-pisun
(Caliz de Banduninchi)

calizni Filu/lu

Bancu

Aflute S. fuedu

~~calizni~~

Escaluloi

ESC:-200\$00

Exm^o. Senhor Engenheiro Bernardo Ferrão

Trabalho dactilográfico de

"MOBILIÁRIO ANTIGO" (Fabbric)

4/8/79

Prof. Ferrão

11/8/79
[Signature]

Mod. 24

ESPRESSO
(EXPRESS)

per
Atado por

FRATELLI FABBRI
EDITORI
S.a.S.
VIA MECENATE 91
TEL. 5095
20138-MILANO



PB
5000CC
15740



Recibido em 10/9/68

VIA AEREA | ESPRESSO

PER VIA AEREA
PAR AVION

Mod. 24-R

Gentile Dottore
Bernardo Ferrao
Quinta Da Povia
Recardoes - Agneda
(Portugal)

Il posta p. e b.

Fotografias embebidas em a
caixa de 6/9/968

11

Reb/Carro



NUMERO DI
ARCHIVIO

FRATELLI
FABBRI
EDITORI

Portogallo 1700

Salone con mobile neoclassico. da parte
inferiore delle pareti: a vitre di metallo
nelle d'arancio (esulejos)
Lisbone, Fundação Ricardo do Espírito
Santo Silva





375604



NUMERO DI
ARCHIVIO

FRATELLI
FABBRI
EDITORI

Portopallo '700

Sedie ad alto schienale in legno intagliato
con sedile e schienale ricoperti di
cuoio nero.

Madrid, Palacio Real



NUMERO DI
ARCHIVIO

FRATELLI
FABBRI
EDITORI

Tambonete de Sgnejá
Em madeira de casquinha entalhada e
dourada, com coxim móvel de veludo.
Móvel Português do Séc. XVIII.
Dim. Alt. 0,59 X Comp. 0,59





NUMERO DI
ARCHIVIO

FRATELLI
FABBRI
EDITORI

Bufete

De pau santo com gavetas perspectivadas em solo. Aro decorado com conchas enroladas e folhagens estilizadas. Pernas e travejo-mento torneado em dupla espiral, bolachas e bolas achatadas. Ferragem de metal amarelo - Onóvel Português do séc. XVII-XVIII
Dim. Alt. 0,87 x Comp. 1m,88 x Larg. 1m





NUMERO DI
ARCHIVIO

FRATELLI
FABBRIC
EDITORI

Baú

De marroquim vermelho com desenhos a
preparar miúda. Fechaduras exteriores
de metal amarelo.

Trabalho Português do Sec. XVIII
Dim Alt. 420 x Larg. 1110 x Fundo 670





NUMERO DI
ARCHIVIO

FRATELLI
FABBRI
EDITORI

Anuário

De pau santo e vinhático formado por
dois corpos tendo o inferior duas gavetas.
Ferragens orendadas em latão amarelo.
Trabalho Português do Sec. XVIII
Dim. Alt. 2350x larg. 1400x fundo 600



NUMERO DI
ARCHIVIO

FRATELLI
FABBRICI
EDITORI

consola

De coşquinha entalhada e dowrada.
Móvel Cartufuês do final do sec XVIII
Dim. Alt. 860 x larg. 1008 x fundo 560





NUMERO DI
ARCHIVIO

FRATELLI
FABBRIC
EDITORI

Mesa de Centro

De madeira entalhada e dourada.
Trabalho português em estilo D.

Jão V. séc. XVIII

Dim Alt. 0,85 x Comp 1,90 x larg. 0,90





NUMERO DI
ARCHIVIO

FRATELLI
FABBRI
EDITORI

Comoda oratorio

Em pau santo e vinhático, com o interior do oratório estofado e dourado. Decoração entalhada, ferragens de latão dourado. Móvel Português do Séc. XVIII (2ª metade). Dim. Alt. 3100 X larg. 1610 X **Fundo** 780.



NUMERO DI
ARCHIVIO

FRATELLI
FABBRIC
EDITORI

Cômoda

De pau santo decorada com
motivos entalhados.

Puxadores de bronze.
Móvel português do séc. XVIII (2ª metade) =
estilo D. José I =

Dim. Alt. 1150 x larg. 1310 x fundo 210





NUMERO DI
ARCHIVIO

FRATELLI
FABBRIC
EDICORI

Contador

De pau santo com gavetas na parte superior e no trempe. Avental com entalhes vasados. Pernas torneadas em espiral dupla e bolas achatadas. Trabalho Português de meados do Séc. XVIII.

Dim. Alt. 1460 x Comp. 930 x Fundos 470 mm

Mod. 24

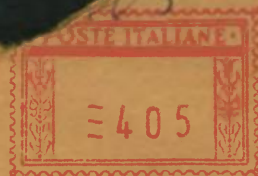
ESPRESSO
(EXPRÈS)

FRATELLI FABBRI
EDITORI
S.a.S.
VIA MECENATE 91
TEL. 5095
20138-MILANO



1574 D

5000 CC



Recibido em 24/9/68

PER VIA AEREA
PAR AVION

Mod. 24-R

ESPRESSO VIA AEREA

Gentile Dottore
Bernardo Ferrao
Quinta de Povoá
Recardoes - Aqñeda
(Portugal)

fotoalbum recibida
em a caixa do
19/9/68



4 colonias



432693

Colonida



NUMERO DI
ARCHIVIO

FRATELLI
FABBR
EDITORI

Sedia ad alto schienale, in legno
intagliato con sedile e schienale
recoperti di cuoio nero.

700' Portogallo

Madrid, Palacio Real

REPETIDA

Colonnada



NUMERO DI
ARCHIVIO

FRATELLI
FABBRI
EDITORI



Seduo di ispirazione inglese, decorate
con intagli rococò.

2º quarto del 700 - Portogallo -
Lisbone, Museo Nacional de Arte Antigo

Colonna



NUMERO DI
ARCHIVIO

FRATELLI
FABBRI
EDITORI



Poltroune di gusto Luigi XV ed.
ispirazione frances, con schienale
trapezoidale e il gusto gotico inglese
1750 ca - Patzall
Lisbono, Museo Nacional de Arte Antigo

Coloinda



NUMERO DI
ARCHIVIO

FRATELLI
FABBRI
EDITORI

Sedia del 1700, di ispirazione
inglese, in legno intagliato

Lisbona, Museu Nacional de Arte
Antiga



Milano, 6 novembre 1979
MB/rb

Eng. Bernardo Ferrão
Senhora da Luz, 24
4000 Porto

Respondido em 7/Janico/1980

Gentile dr. Ferrao,

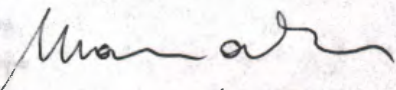
le avevo già scritto nel mese di giugno, ma, non avendo mai ricevuto risposta, penso di aver probabilmente messo un indirizzo sbagliato. Ora, il direttore della Fondazione Gulbenkian, cui mi sono rivolta, mi ha dato il suo indirizzo che, però, differisce di poco da quello che avevo.

Le avevo scritto, perché la Casa Editrice ha deciso di pubblicare una collana sulle Arti Decorative - sempre diretta dal prof. Gonzalez - e della quale farà parte il testo sul "Mobile Portoghese" che, anni fa, lei aveva scritto per una nostra opera che, per motivi di programmazione, non era stata poi pubblicata.

Le avevo pertanto rimandato il suo testo e la bibliografia affinché lei potesse, se lo riteneva opportuno, apportare gli aggiornamenti e le correzioni assolutamente necessari. Immagino, non avendo mai avuto risposta, che lei non abbia mai ricevuto il testo: pertanto, gliene invio una nuova copia. Le unisco anche la sua vecchia lista delle illustrazioni, che, a causa della nuova impaginazione deve essere ridotta a ca. 40/45 soggetti (quelli cioè che lei ritiene indispensabili per la comprensione del testo).

*Exam
77*

Spero che questa volta lei riceva tutto e, in attesa di una sua risposta, ringraziandola sin d'ora le invio i migliori saluti.



SETT. ARTE/MUSICA
dr. Marina Brizi

Poço, 7/Julho/1980
A: "FABRI EDITORI s.p.a.

Nilão

Ex. Sr. Senhores

A vossa carta de 27 de Junho do ano passado chegou-me, realmente, às mãos, e respondi em 14 de Agosto enviando alterações às páginas, no 1º páq. do meu texto do "Nobiliário Português" que, pelo que vejo, não receberam, em face do que me dizem na carta, mais recente, de 6 de Novembro.

Com a dita mudança cunhada eu escrevia que o texto que cedigi, as ilustrações e a bibliografia, estão hoje completamente desactualizadas, pelo que o artigo carece de revisão profunda, após mais de dez anos e meio de inactivação cuja responsabilidade me não cabe.

Orá isso não o posso fazer sem encargos, pois o que me foi pago, inicialmente, pela "Fabri" é muito hoje do que ganha em operações em Portugal num mês! E estou certo que não que isso seja solicitado com tanta vontade, sem sequer se perguntar quando custaria o trabalho adicional que agora pretendem, e que está longe de ser fácil.

Além do mais as circunstâncias da minha vida profissional alteraram-se, e hoje já não vivo da profissão de engenheiro, exercendo sobre arte por puro amor próprio, mas como hobby de lazer. Assim, tenho em mãos um grande trabalho para a vossa obra "dello & Júnior", editores, aqui do Poço, sobre o: "Nobiliário Português", que

me parece o tempo indispensavel para, para
se trata de obra em 6 volumes, os primeiros 2 dos
quais estao ja no prelo.

Farei o ~~retrato~~ ~~em~~ ~~ajuda~~ ~~de~~ ~~um~~ ~~espaço~~ ~~de~~ ~~que~~ ~~o~~ ~~vosso~~ ~~trabalho~~ ~~me~~ ~~foi~~ ~~recomen-~~
dado pelo saudoso amigo Prof. Robert Smith, mas,
naturalmente, em condições pecunias e de
prazo a acordar. E não me parece fácil, para a
exatidão do texto, reduzir ao extremo de q^{ue}er
rar, a não ser que tambem se reduza a parte. Quan-
to a bibliografia, está hoje muito aumentada, de
do o trabalho preparatório para o livro que citei.

De qualquer forma, não iniciarei qualquer re-
modelação; além da ^{que} já se fez na carta enviada e
volto a enviar, anexa; nem que todas as circunstân-
cias aludidas sejam bem ponderadas e perfeita-
mente acordadas.

Esperando que, desta vez, esta carta vos chegue às
mãos, e' com o melhor cumprimento de toda a
consideração que me subscrevo, muito atenciosamen-
te

Bernardini

Original em 2 Agosto 1969

Milano, 27 giugno 1979

MB/gm

(10 anos depois!)

dr. Bernardo Ferrao
Baco de Senhora da Luz
no 24 For do Douro
OPORTO

*Requinto c/curio correctas
don 1^a pags. em 14/8/79*

Gentile dr. Ferrao,

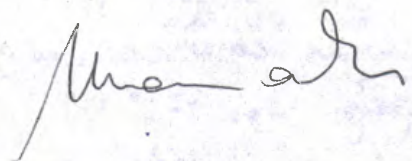
mi scuso se le scrivo dopo così tanto tempo dalla nostra ultima collaborazione. Ma soltanto ora la Casa Editrice ha deciso di pubblicare una collana sulle Arti Decorative - sempre diretta dal dr. Gonzalez - e della quale farà parte il testo sul "Mobile Portoghese" che lei aveva scritto per noi.

Le rimando pertanto la fotocopia del suo testo e della bibliografia affinché lei possa, se lo ritiene opportuno, apportare gli aggiornamenti e le correzioni che ritiene assolutamente necessari.

Il testo e la bibliografia dovranno essere in Redazione per la fine di luglio.

Ringraziandola sin d'ora le invio i migliori saluti.

Marina Brizi



No final da centúria aparecem, no entanto, leitos evoluídos, com pernas e estrado, como o que se representa numa iluminura do chamado "Comentário do Apocalipse de Lorvão", de 1189, e os esculpidos no túmulo de Egas Moniz, o fiel aio de Afonso Henriques.

Noutras iluminuras do dito códice figuram cadeiras de aprumos cilindro-cónicos, com espaldar alto ("cátedras") de ascendência românica e influência bizantina, bem como um banquinho para os pés ("escano"), fenestrado em arcaturas ultrapassadas, de character moçárabe, como os do embasamento do trono baixo do "Cristo em Magestade" do tímpano conservado na igreja de Sepins (Cantanhede), que é de 1080, com pernas cilíndricas rematadas por pinhas, e espaldar pouco elevado.

Na época poucas cadeiras haveria, sabendo-se que a "cátedra" (pesada e cara) se reservava a príncipes e senhores feudais, colocada no principal aposento das torres de menagem dos castelos. Mais comuns eram os bancos e os escabelos e, sobretudo, as arcas que, pelas inerentes virtualidades de transporte e arrumo, são os moveis mais referidos nos inventários de então. A família do Senhor sentava-se na restante mobília, indistintamente, ou no chão, sobre coxins e tapetes, seguindo uma tradição mourisca que persistia em Portugal.

Um assento do tipo dos "faudesteils" franceses, leves e articulados, está figurado numa iluminura do chamado "Testamento velho de Lorvão", do séc. XIII, e é em assentos de idêntico modelo, com pernas encurvadas, que se sentam os trovadores e jograis das iluminuras arcaizantes do "Cancioneiro da Ajuda" (séc. XIII-XIV). Imprevistamente, porém, em pleno gótico, o túmulo do rei D. Fernando, que morreu em 1383, apresenta esculpido um personagem sentando-se em "cátedra" de espaldar liso e não muito alto, de tipo românico, mas

com decoração de ilhargas perfuradas, ao sabor mourisco.

São do séc. XIV, e muito semelhantes, os leitos de factura gótica, com espaldares altos, ilhargueiros travados por arcos polilobados e decoração de contrafortes, pináculos e corucheus, que se representam nas "Natividades" do túmulo de D. Inês de Castro da igreja do mosteiro de Alcobaça e no chamado "Triptico de Aljubarrota" do museu de Guimarães, obras primas que hoje se consideram, respectivamente, de iconografia portuguesa e da mão de ourives nacional.

Muitas referências escritas existem relativas a bancos com, ou sem, espaldar, mas nunca individuais; a banquinhos de repousar os pés; a arcas paralelipipédicas, lisas ou apaineladas, com bois e fortes ferrolhos (pois nelas se guardavam trajos, tecidos, roupas e alfaias domésticas); a cofres para arrecadar as preciosidades da época, além do dinheiro, os raros manuscritos, joias e objectos de adorno; a mesas singelas, desmontaveis, que se deslocavam dum compartimento para o outro. Nas igrejas havia estantes de madeira, ou ferro, para suporte dos pesados códices, faldistórios articulados, e até armários para alfaias sacras e paramentos.

Um documento de 1359 refere-se já a pequenos lavatórios de latão ("aceteres"), sabendo-se que também existiam espelhos de parede e que, nos fins de trezentos, El-rei D. João I recebera como presente do duque de Lencastre um relógio mecânico ("horolégio") acabado de inventar.

O séc. XV desenrola-se em Portugal com os reinados gloriosos de D. João I (1385-1433), D. Duarte, D. Afonso V e D. João II (1481-1495), durante os quais se consolida a independência portuguesa de Castela, se ocupa o Magreb e se inicia, sob o impulso do infante D. Henrique "o Navegador," a gesta dos grandes descobrimentos e viagens terrestres e marítimas que levariam os portugueses aos quatro cantos do mundo.

Porventura o século mais notável da história de Portugal não teve, artisticamente, correspondência de valores (distraídas as atenções com as Descobertas, a reconstrução e organização social), sob os derradeiros lampejos da arte gótica nas suas formas radiante e flamejante.

No que toca, propriamente, ao mobiliário e especificadamente aos leitos, já estavam mais divulgados os de espaldar à vista, até com certo tratamento artístico (almofadas de "pergaminhos enrolados"). Mas continuavam a predominar aqueles em/ ^{que} o suporte de madeira carecia de importância, relativamente às chamadas "camas" que os documentos descrevem com minúcia, compostas pela colchoaria e roupas e pela armação de cortinas e docel tapeçaria, couro de Córdova, brocado, veludo e outros ricos tecidos. No que, na gente abastada, eram de final da centúria já se importavam leitos de madeira da Flandres.

As cadeiras continuariam a ser móveis de uso bastante restrito, protocolar e distintivo de autoridade (só em quinhentos começando a popularizar-se), existindo no país dois exemplares de "cátedras" da 2ª. metade do século, de estrutura ensamblada com apainelados lavrados de talha cega. Uma conserva-se na matriz de Valença do Minho, tendo cofre sob o assento, baldaquino, ilhargas e espaldar cheios e decorados com talha de círculos secantes e corolas crucíferas nos painéis e revestimento de pregaria de ferro na frente das prumadas e assento. A outra é a denominada "cadeira de D.Afonso VII (Pi.1), que pertenceu ao convento do Varatojo fundado por esse monarca em 1460, também fechada sob o assento e nos braços e espaldar, revestidos por uma talha muito fina no estilo do gótico flamejante, provavelmente de influência flamenga ou francesa.

A estas "cátedras" de aparato, poderão juntar-se outros tipos de assentos que se iam difundido numa burguesia cujo nível de vida se elevava com o florescimento do comércio e das artes; tais

os "arquibancos" (bancos com cofre sob o assento); os bancos compridos p.d.; os escabelos de vários tipos (com pernas de tábuas recortadas ou de varas) e, para o fim do século, as cadeiras de espaldar forradas a tecido e a couro com pregação decorativa e, até, as dos modelos ditos "dantesco" e "Savonorola", por influência da Itália, através da Flandres.

As mesas começariam a almentar de importância na centúria, pois, além das desmontáveis, sobre cavaletes, já as havia de tempo trabalhado e pernas articuladas e mesmo redondas, ou poligonais, com perna central. Há referências a mesas marchetadas de prata e importadas da Alemanha e da Flandres.

As pesadas arcas de tipo românico aligeiraram-se na época, e são numerosas as referências documentais existentes a "arcazes" e "caixões" (arcas grandes), a arcas p.d. nacionais e estrangeiras, de madeira, ou revestidas a couro, a folha de flandres (para viagem), ou a ferro, para guardar dinheiro, documentos e joias. Havia também cofres grandes, encourados, de tampa facetada, para viagem, e inúmeras arquetas, caixas, caixinhas, bocetas, cofres, de materiais e decoração mais ricos, para uso pessoal e, até, para relíquias de Santos.

Moveis muito característicos do período são os "sitiais" e bancos, de formato vário, para pousar os livros de oração; as estantes de madeira, ferro e outros materiais, para missais, códices e antifonários; as "copeiras", "copas" e "taceiras" onde se expunham baixelas e pratos nos locais das refeições; os barris ornamentais, para vinho, geralmente de prata; os "escritórios" (contadores com tampa ~~pequena~~); armários de roupa (importados); "escrevaninhas" pequenos moveis para escrever e guardar os respectivos aprestos.

SÉCULO XVI

Na 1ª. metade do século, reinando D.Manuel I (1495-1521) e D.João III (1521-1557), alargou Portugal a sua missão imperial e ecuménica, divulgando a civilização e a fé cristãs nas longínquas terras que descobrira e ocupara, ao mesmo tempo que recolhia em Lisboa, tornada empório do mundo, os frutos das suas navegações e conquistas.

A sangria humana que estas provocaram e a corrupção que sempre acompanha a riqueza, levariam à ruína financeira e política do país, culminando com o desastre de D.Sebastião em Alcácer Quibir e, pouco depois, em 1581, à ocupação espanhola e junção das duas corôas ibéricas por Filipe II de Espanha.

O gótico tardio demora a extinguir-se em Portugal, enquanto que, no 1º. quartel do século, reflectindo a influência das artes e exotismo do Magreb e do Oriente, se cria o estilo Manuelino, ~~arte~~ atlântico por excelência que, sobretudo, se repercutiria na arquitectura e ourivesaria. Existia, ainda, o "alfarge" medieval de origem árabe com o seu geometrismo de traçados, enlaces e embutidos, a perfeição de ensamblamentos, a estrutura alveolar, os remates característicos e o realce policrómico, ~~de que~~ ^{dele}, praticamente, só restam exemplos em tectos de madeira. No 2º. quartel da centúria marca o renascimento classicista que da Itália o país recebia, indirectamente através o Herrerismo espanhol e directamente da França por via dos seus artistas que vieram trabalhar para Coimbra, e também da Flandres pelos entalhadores e grande cópia de mobiliário que então de lá importava. O 3º. quartel pertence ao classicismo de Torralva, e o 4º. ao maneirismo de Filipe Terzi.

Mas a grande influência sofrida pelo mobiliário viria, sobretudo, do Oriente e nomeadamente da Índia, com o característico

apuro do pormenor técnico, a prolixidade do ornato, o esplendor cromático das lacas e ouros e a valorização da beleza natural das madeiras exóticas à vista, acentuada pela riqueza do trabalho de embutidos e da ferragem arrendada. Os moveis indo-portugueses, da China e do Japão espalharam-se pelo país e eram cobiçados e bem pagos pelos estrangeiros.

Com efeito o grande vice-rei Afonso de Albuquerque mandara da Índia não só escritórios marchetados, catres e mais peças de torno, como artífices indígenas que trabalharam em Lisboa onde, segundo o conhecido relato de 1551 de Cristovão Rodrigues de Oliveira existiam, então, dezenas de marceneiros e artistas afins nas oficinas da cidade (com incremento e autonomia nos meados do século), tendo-se mesmo notícia de certo esplendor oficial em Lamêgo na 2ª. metade de quinhentos e, até, da exportação de mobiliário das ilhas da Madeira e Açores para a metrópole e o estrangeiro, segundo referem Gaspar Fructuoso e o viajante italiano Cadamosto.

Embora ainda se dormisse no chão, já havia leitos, ^{mas} ~~embora~~ sem padrão definido, a avaliar pelas prescrições do "Regimento de sambladores, entalhadores e imaginários" de 1549. A par dos de suporte encoberto que figuram nos primitivos portugueses representando fases da vida da Virgem (Fig.2), assentes sobre estrado, de dossel plano, ou de "pavilhão", suspenso do tecto, ou das paredes, com o seu aparelho de alparavazes e cortinados fixos e moveis de tecidos vulgares ou preciosos, usavam-se, também, já com colunas trabalhadas suportando os dosséis e, durante toda a centúria, com espaldar aparente. Inicialmente era liso, ou apainelado, mas já no reinado de D.João III e, sobretudo, de D.Sebastião, aparecem leitos todados pela sumptuosidade da Renascença, independentes das paredes, com colunas clássicas prolongando as pernas para suporte do dossel e

espaldar de grade com colunelos torneados, como os que se vêm nos primitivos tardios do museu do Funchal (Fig.3) e da igreja de Azoia, figurando o "Nascimento da Virgem".

Alguns deviam ser construídos em madeiras exóticas e marchetados de marfim, nácar e, até, pedras e metais preciosos, já que as "Pragmáticas" filipinas de 1593 os proibiam com rigôr, naturalmente por serem, então, relativamente comuns. Tais seriam os leitos vendidos a Francisco I de Portugal (com incrustações de madrepérola e provavelmente orientais), o que existia no Barreiro, e Venturino descreveu na relação da viagem do legado de Pio V a Portugal em 1571, e aquele de que há notícia ter sido restaurado para a rainha D.Catarina pelo pintor Cristovão de Morais.

Havia, sobretudo, os ricos leitos da China e da Índia, lacados e lavrados, e os "catres" desta origem, todos inéditos na Europa de então, e a que se referem a relação dos presentes orientais enviados pelo Cardial D.Henrique ao Xerife de Marrocos e o inventário de 1564 do paço dos Duques de Bragança em Lisboa, leitos que já em 1553 eram objecto de falsificações na pintura, com penalidades cominadas.

Os moveis de assento, no início da época, mantinham funções protocolares e colocavam-se, sobre estrados, nas câmaras principais, e aos lados do leito e das mesas de trabalho. Mantinham o goticismo de quatrocentos, aparente nas representações conhecidas de cátedras (todas fechadas e de espaldar alto) e em alguns bancos de madeira de carvalho que se conservaram (Fig.4). Logo, porém, na 1ª metade do século sofreriam da influência do Renascimento italiano, tornando-se transportáveis, ora revestidos de tecidos ou couro, ora adoptando a forma revivescida da "sella curulis" romana, que a Itália divulgava com os seus conhecidos modelos ditos "Savonorola" e "dantesca", aquela popularisando-se, esta enobrecendo-se.

Em Portugal fabricaram-se similares da primeira (com múltiplas pernas em haspa, curvas e articuladas) denominadas "cadeiras quebradiças" no referido "Regimento de Sambladores" de 1549, e no "Regimento dos carpinteiros de tenda da Rua das Naus" de 1572, cadeiras que aparecem bastante representadas nas "tábuas" dos primitivos da época.

Mais vulgares deviam ser as do segundo tipo (que persistiu ao longo da centúria), com as quatro pernas em "S" articuladas, contraventadas e de braços rematando em voluta, tendo assento e recosto de madeira ou couro (Fig.5). Coexistiam, porém, assentos arcaizantes tais como as cadeiras "rasas", ou "chãs" (sem espaldar), os arquibancos e os escabelos com aprumos cilíndricos, de tipo românico, ou em tábuas recortada, de feição gótica.

As cadeiras, no entanto, acabariam por estabilizar-se no modelo canónico: pernas verticais prismáticas, com assento e respaldo rectangulares, geralmente de braços rectos e "testeira" trabalhada (como os "frailerões" espanhóis da época), denominadas "de espaldas" e "de Estado". Todas eram ^{estofadas ou} revestidas a couro (por vezes lavrado), com tachões de cabeça decorativa, tendo os tecidos e franjas riquesa apropriada à categoria do utente (veludos e damascos só os usavam personagens masculinas de elevada hierarquia). A estes materiais se referem já um alvará da cidade de Lisboa, de 1515, e as "Provas da história genealógica da casa real portuguesa".

Muitas cadeiras daqueles tipos são enumeradas em inventários de solares e paços e nos relatos de festividades da época, estando uma representada no conhecido retrato de D. Sebastião, datado de 1565 (Fig.6), toda marchetada ao gosto do "alfarge" mourisco, ou genovês, com "dormentes" travando as pernas ao nível do solo e remates dos braços em voluta, de tipo hispânico. É, porém, considerada portuguesa por insuspeito tratadista espanhol dada a forma de

colocação do seu estofo e, de resto, aqueles dormentes vão encontrar-se em assentes de imaginária indo-portuguesa do séc. XVII, manifestamente arcaizantes.

Para o final de quinhentos os braços viriam a desaparecer para mais cómodo assento das senhoras que então usavam as amplas saias de "Verdugadas" em moda. Mas até lá, mesmo as princesas de sangue real se sentavam em coxins ou estrados alcatifados, posição em que a 6ª. Duquesa de Bragança, D.Catarina, neta de D.Manuel I, recebeu o Cardeal Alexandrino, legado do Papa, no Paço Ducal de Vila Viçosa.

Atribuídos ao final do séc. XVI conservam-se alguns exemplares mais modestos das cadeiras "de espaldas", com dupla "testeira" recortada e remates dos aprumos trazeiros esculpidos na própria madeira, característica espanhola (Fig.7).

As estantes de pousar os "livros de horas" são moveis comuns no decorrer do século, pois invariavelmente aparecem representados nas "Anunciações" dos "primitivos" portugueses, com os mais variados tipos, mas em geral goticisantes. Ora se aproveitavam, para o efeito, pequenas mesas e escabelos, ora moveis reduzidos com estrutura almofadada, tendo vãos, prateleiras e gavetas (Fig.8).

Genuflexórios também existiam, como o esculpido no túmulo de Duarte de Lemos, na Trofa do Vouga, do 2º. quartel de quinhentos.

Merece especial referência pela importância artística, a série Manuelina dos "cadeirais" (filas sobrepostas de assentos fixos contíguos, com espaldares e dosséis, destinados à resa de officios divinos nos coros das igrejas e à assistência à missa nos seus altares-mores), embora da mão de mestres alemães, flamengos e espanhóis. São notáveis o de Stª.Cruz de Coimbra (datado de 1513 e com motivos portugueses), o da sé do Funchal (já com ornatos "ao romano"), o dos Jerónimos e os das sés de Évora e de Braga, este assinado.

As mesas começaram a generalizar-se francamente neste século. Muitas havia com tampo de dobrar e pernas dobradiças, desmontáveis: algumas eram rectangulares e vestidas, tendo um suporte central com base alargada ou cruciforme, ou quatro pernas cantonais simples, ou em haspa, por vezes com travacção rasa (Fig.5). Nos meados do século aparecia o "bufete" com pernas e travacções torneadas, aro e gavetas, o grande movel do séc. XVII. São muito comuns as mesinhas baixas de tampo saliente com pernas prismáticas e ilhargas recortadas, de feição gótica (Fig.9), mas também as haveria lacadas, da Índia, com o paço Real da Alcáçova, a que se refere o citado relato de Venturino.

Aparadores, escarapates, "copas" ou "taceiras", para arrumação das alfaias e utensílios da mesa, ou ostentação das riquíssimas baixelas de ouro e prata, são também descritos em documentos e representados na pintura (Fig.5). Moveis de corpo paralelepédico sobre pernas, com tampo, ou degraus, cobertos por tecidos, possuíam portas e, por vezes, uma estante inferior e dossel.

Arcas lisas e simples com soco recortado, encontram-se, com frequência, também figuradas nos "primitivos", junto dos leitos, nas alcovas e no vão das janelas (Fig.2). Continuavam a ser o movel de arrecadação por excelência (e como tal são frequentemente referidas) e imprescindíveis nos transportes a dorso de animal, então sendo encoiradas.

Mas há referências coevas a arcas ornamentais vindas da Índia, e têm sido considerados quinhentistas exemplares existentes forrados a couro e com aplicação de ferragem arcaizante tendo expansões lobuladas e flordelisadas. De madeira à vista existem dois exemplares de interesse: um no Museu Nacional de Arte Antiga, certamente nacional, com apainelados de talha de "pergaminhos dobrados", e ou-

tro datado de 1586 (Fig.10) com almofadas lavradas em relevo baixo, representando legendas e motes Sebastianistas e espanhóis, e braços de Portugal, Leão e Castela. São do séc. XVI certas arcas indo-portuguesas de madeira exótica escura ("matazana").

Do último quartel do século restam dois "arcazes de sacristia" (moveis destinados à guarda de paramentos litúrgicos, em forma de arca, com gavetões a toda a altura), um existente na sé de Miranda do Douro e outro na matriz de Caminha, tendo decoração entalhada com mascarões, anjos e festões já maneiristas.

Os armários (que na Idade Média só se usavam nas igrejas para as alfaias do culto), começariam em quinhentos a concorrer para as arcas no arranjo das habitações. Eram autónomos ou embutidos nas paredes, com frentes de portas.

Há bastantes figurados nas "tábuas" primitivas (Fig.11), quer de modelo gótico com entablamentos moldurados e apainelamentos do tipo de pergaminho dobrado, quer de almofadas lisas, com forma tosca de improvisação nacional. De meados da centúria conservam-se um armário no Museu de Portalegre (Fig.12) e duas frentes: uma neste museu e outra que pertenceu ao convento de St^a.Ana de Viana do Castelo. As tres peças são de carvalho, almofadados e com trabalho de talha em medalhões ostentando bustos de personagens variadas, de nítida influência da Renascença francesa, ou flamenga.

Muitos outros moveis estão documentalmente referenciados, nomeadamente escritórios, contadores, estantes de livros, prateleiras, escrevaninhas, espelhos, púlpitos, caixas de esmolas, orgãos, etc. . Sem falar nas preciosidades que vinham da Índia, China e Japão, em que se destacam moveis entalhados e lacados, escritórios, cofres de tartaruga e madreperla, e os grandes biombos namban apresentando desembarques de portugueses em Nagasaki.

SÉCULO XVII

Portugal, tendo declarado a sua independência de Espanha em 1580, foi governado neste século por D.João IV até 1656, D.Afonso VI (1656-1668) e D.Pedro II (1683-1706).

Aberta à nação uma época de paz relativa, tornou-se possível a reconquista do Brasil aos holandeses em 1654 e de algumas das possessões do antigo Império no Extremo-Oriente, penho-

Porto, 2 de Agosto de 1969

A: Fratelli Fabbri Editori
01, Via Mecenate 20138

Milano

Refª. - MB/eg/cb

Excelentíssimos Senhores

Junto envio, em duplicado, o texto do artigo: "Mobiliário Português", acompanhado da lista bibliográfica e da relação das gravuras a preto e branco e a cores, correspondentes.

Peço a maior desculpa do atraso da remessa, motivado por motivo de doença e trabalhos vários, que me impediram de fazer a entrega no prazo estipulado.

Não me foi possível condensar o assunto nas páginas que desejavam, mas estou certo que o Dr. Gonzalez-Palacios, ao fazer a sua tradução, com facilidade eliminará aquilo que possa ter menos interesse, dentro do critério que preside à elaboração da vossa Enciclopédia.

Fico, de resto, ao dispor para as alterações que entendam indispensáveis e lembro que a relação de gravuras que enviei com a minha carta de 12/11/968 teve de ser alterada, pelo que deixou de ter validade, devendo ser substituída pela que segue com o texto.

Com os melhores cumprimentos de toda a consideração, subscreve-se, muito atenciosamente,



MOBILIÁRIO PORTUGUÊS

SÉCS. XV E ANTERIORES

Nos séculos que antecederam o de quatrocentos, desde a fundação da nacionalidade portuguesa por D. Afonso I ^{em 1139} (1128-1185), durante as conquistas territoriais a Castela e aos mouros e a formação política de Portugal pelos seus sucessores, até ao reinado do inconstante D. Fernando (1367-1383), não seria numeroso nem diversificado o mobiliário em uso, antes funcional e transportavel como exigia a instabilidade da vida monástica e civil medievais, em que lutas constantes, pestes e a administração deambulante da justiça obrigavam reis, fidalgos e vassallos a constantes deslocações por ínvios caminhos, em precários meios de transporte, impondo a simplificação da mobília que se carregava de lugar para lugar com as peças avulsas da sumptuária que enriqueciam os interiores.

Nenhum exemplar de mobiliário se conservou destas longínquas épocas por óbvios motivos resultantes da agitadíssima vida histórica portuguesa coeva, ou posterior, cortada por contínuas guerras de expansão e defesa, invasões, lutas civis, navegações e conquistas, epidemias e terramotos (nomeadamente o catastrófico de 1755), acrescidos pelas depradações e rapinas de estrangeiros e nacionais, festes, por natureza, inclinados a natural incúria. A sua história há que fazer-se, pois, através as fontes indirectas que restam: iluminuras de códices, notícias escritas, pintura e imaginária, escultura de arcos ferrais e de decoração architectónica, sobrevivência etnográfica no mobiliário popular e sua comparação com o de outros países romanizados, nomeadamente a Espanha.

Ainda que esteja fora do âmbito deste ensaio sintético o estudo do mobiliário anterior ao séc. XV, parece indispensável anotar que quando da independência nacional, no séc. XIII, a Espanha vivia, ainda, sob o signo do românico, cujos trastes habituais eram os estritamente indispensáveis às exigências domésticas: leitos, arcos e cofres, mesas, bancos e outros tipos de assentos; à volta destes últimos se viria, de resto, a formar o mobiliário do Ocidente.

Em Portugal, os testamentos e outros documentos do séc. XIII referem-se, minuciosamente, no seu latim bárbaro, a "camas" (conjunto do colchão e roupas do leito) que então, como no resto da Europa, se armavam nas alcovas sobre estrados, arcos grandes ou bancos, não tendo estrutura específica de suporte.

res da prosperidade verificada no século seguinte.

As necessidades da reconstrução e da defesa e a natural austeridade da côrte contribuíram não só para o saneamento económico do país como o obrigaram a uma severa auto-suficiência, dispensando a intervenção de artistas e artífices estrangeiros nas artes sumptuárias.

Por isso esta época é, para o mobiliário português, a de mais original e autónoma expressão, mau grado as inevitáveis influências que sofreria do Herrerismo espanhol (nascido da arquitectura renascentista italiana), do exuberante barroco Churriguesco, da traça e decoração dos móveis importados da Flandres e, sobretudo, do exotismo daqueles que, macissamente, lhe chegavam da Índia, já então adaptados ao gosto nacional no chamado estilo "indo-português".

Todas estas correntes seriam moldadas à maneira de ser portuguesa, equilibrada mas com requinte, sóbria na própria grandeza, conduzindo a um tipo de mobiliário de grande qualidade, perfeitamente distinto dos congêneros europeus coevos e, desde logo, com uma aceitação no estrangeiro que o tempo se encarregaria de ir acentuando.

No início do século as "Pragmáticas" de 1600 e 1611 de Filipe II proibindo o uso dos metais preciosos em tecidos e adornos na sumptuária, fariam diminuir o seu emprêgo nos leitos que ainda se usavam total ou predominantemente vestidos, conduzindo à valorização funcional e decorativa do suporte que começou a tornar-se autónomo e generalisar-se. Criaram-se, então, verdadeiros monumentos de elegância e técnica facilitadas, aliás, pelas características das madeiras exóticas que se empregavam, sobretudo o pau-santo brasileiro cujo uso os portugueses anteciparam de um século ao do mogno na Inglaterra.

Na 1ª. metade de seiscentos usavam-se as colunas das camas (em que se integravam as pernas e os suportes do docel) com torneado dito "de roca", em fustes cilíndricos ou ligeiramente cônicos com intercalação de discos ou elementos periformes. O espaldar simulava uma arquitectura de andares sobrepostos, à maneira italiana, com arcadas descarregando em pares de balaústres, enci-

mando-se por simples fiadas de pequenos rematos decorativos também torneados ("bilros"), ou por composições vasadas de volutas e contra-volutas guarnecidas, por sua vez, de "bilros" ou de pináculos.

Os elementos horizontais da estrutura eram lisos, moldurados ou trabalhados em caneluras, aparecendo de quando em vez uma reminiscência mozarabe no denticulado do intradorso das arcaduras do espaldar.

Os leitos mais ricos decoravam-se com metais (geralmente o latão dourado), em anilhas intercaladas nos elementos torneados e aplicações arredadas ou cinzeladas enriquecendo os elementos planos (Fig.13), ou com marfim embutido em filetes formando desenhos, legendas ou representando figuração variada (Fig.14).

À medida que se acentua a influência indiana e se introduz a moda, vinda do Norte da Europa, do entalhado em zigue-zagues ou ondas ("tremidos"), que Portugal usou com maestria excepcional, os torneados avolumam-se e formam-se de lenticulas sobrepostas, ou com elementos campaniformes, enquanto que o espaldar, mantendo ou simplificando a estrutura em andares, se recorta nos bordos e guarnece de "tremidos" nos planos.

Aparecem, então, as camas ditas "de bilros" mantendo a forma estrutural indicada, mas com pesadas colunas e balaústres torneados em troços de enrolamentos salomónicos simples ou compostos, separados por estrangulamentos e fortes elementos esferoides ("bolachas"), nos quais a barra do espaldar se ornamenta de talha prolixa e baixa, de tipo indiano (Fig.15).

Ultrapassada a 1ª metade do século essa barra ganha importância, justapõe-se de elementos formando alto espaldar de perímetro curvilíneo e recortado, com talha "cega" ou vasada representando os característicos enrolamentos de vergontas indo-portugueses centrados por símbolos religiosos ou heráldicos, e rematada por "bilros" torcidos.

A justaposição da influência indiana pelo barrôco nacional do final do século faz-se, finalmente, sentir, entumescendo a talha vegetalista e intercalando-a de querubins, animais ainda de feição exótica e braços de armas com os seus "tenentes" (Fig.16).

As camas portuguesas e indo-portuguesas deste período alcançam monumentalidade e riqueza extraordinárias, conhecendo-se descrições dos chamados "leitos imperiais" de ébano recamado de prataria lavrada, com aplicações de cristais e pedras finas, encimados por albarradas, como os que possuíram as nobres casas dos Távoras e Atougias, aquele em que foi batizado o futuro rei D. João V e um ou outro exemplar conservado (Fig.17).

Sabe-se, por exemplo, que na faustosa côrte de Luís XIV de França, em 1686, entre os 413 leitos europeus e orientais recolhidos no real "garde-meuble", eram apontados os portugueses como exemplo do mais requintado trabalho.

Dos moveis de assento do 1º. quartel do século são dataveis o banco de carvalho de Stª. Maria de Obidos (cerca de 1600) tendo cofre sob o assento e espaldar alto de apainelados lisos e pilas-tras jónicas, e os cadeirais, com idêntica estrutura, de Celas (Coimbra), anterior a 1605 e da mão de Gaspar Coelho, e de S. Domingos de Benfica (Lisboa), de cerca de 1630.

Em correspondência usavam-se as cadeiras construídas em carvalho, ^(Fig. 17) nogueira e mesmo pau-santo (evoluindo relativamente as de Espanha que mantinham o tipo dos seus "fraileros" quinhentistas), de aprumos prismáticos elevando-se nas costas com ligeira inclinação para receber o espaldar, travados à frente e atrás por travessas recortadas e entalhadas em forma de "SS" deitados e afrentados. As travações laterais, mais singelas, situavam-se a nível inferior, acima do solo.

Os assentos eram quadrangulares nas cadeiras sem braços e rectangulares nas de braços e estes, geralmente, rectos e salientando-se à frente, mantendo nas mais arcaizantes a encurvatura e os enrolamentos terminais quinhentistas.

Os recostos, rectangulares, eram baixos e revestidos, como os assentos, de couros lavrados de enrolamentos vegetalistas centrados por motivos heráldicos, mascarões, legendas, etc., ladeados de "meninos-tenentes", e fixados com cravos de latão de cabeça em calote por toda a periferia do assento enquanto que no espaldar o eram, apenas, lateralmente.

Pináculos torneados de latão rematavam as pernas trazeiras, solução diversa das congêneres cadeiras europeias cujas terminações eram talhadas na própria madeira.

Os couros gravados na espécie, de tradição árabe e produzidos na península desde o fim do séc.XV, tomaram em seiscentos feição portuguesa característica, embora mantendo elementos decorativos anacrónicos, como a águia bicéfala de Carlos V.

Mais raro na época é o tipo de cadeiras forrado de tecido debruado com franjas douradas, tendo as madeiras elegantemente torneadas quer em "roca", à maneira das camas coevas, quer em espiralado salomónico (Fig. 19), que embora derivando do estilo Luís XIII se tornou nacional pela solução dos braços rectos com terminação zoomórfica, posição das travações e emprego da madeira de pau-santo.

Na 2ª. metade avançada do século os espaldares elevam-se e recortam-se superiormente em curvas e contracurvas, por influxo crescente do barrôco e a necessidade de criar fundo adequado à valorização das monumentais cabeleiras que a moda introduzira com a vinda de ^{Madame} d'Aumale, D.Francisca Izabel de Saboia, para casar com D.Afonso VI, (Fig. 18) criando-se um modelo caracteristicamente português denominado "cadeira de sola", que persistiria ainda no séc.XVIII (Fig. 20).

Os assentos mudam de rectangulares para trapezoidais, as prumadas e travações trabalham-se ao torno, alternando as zonas prismáticas de inserção de elementos transversais com sucessões de aneis, esféricas, "bolachas" e troncos de cone. Os pés dianteiros usam-se esféricos, periformes ou tronco-piramidais encurvados, com estriados paralelos ("pés de pincel"), criação genuinamente portuguesa que a Inglaterra adoptaria e difundiria com o nome de "Braganza foot", depois das "cadeiras de sola" terem feito furor na côrte inglesa levadas no enxoval da infanta D.Catarina que, em 1662, partira de Portugal para casar com Carlos II.

As testeiras começam a ser transfuradas e recortadas em "SS" (que agora se entrelaçam), ou decoradas com talha representando uma concha ou florão simétricos.

A nogueira é a madeira mais utilizada, mantendo-se o anterior tipo de pregação e o revestimento de couros em que é vulgar a representação de albaradas renascentistas ladeadas por meninos nus, de braços de armas ou damas com pássaros e flores.

Estes couros de fabrico nacional ("couros da terra") atingem, então, um extraordinário requinte de desenho e factura, raramente sendo substituídos por "guadamecins" ou "cordovões" peninsulares de couro de cabra relevado, policromado e dourado sobre fundo de prata, que Portugal usava desde o séc.XIII para fins decorativos vários, fabricou em abundância no séc.XVI e importava em grande quantidade de Espanha, seu principal produtor.

Com menos frequência reaparecem as já referidas "cadeiras quebradiças" de quatro pernas em tesoura e assento e recosto de couro lavrado, mas são comuns os bancos rasos, com assento estofado ou encoirado e estrutura semelhante à das cadeiras normais, e os bancos de costas (antecessores dos futuros "canapés") com modelos específicos criados na época e utilização reservada às igrejas, colectividades e serventias das habitações. Ora são constituídos pela justaposição integrada de cadeiras dos tipos descritos ora, mais originalmente, apresentam pares de pernas encurvadas semelhantes às mesas da época, travados por elementos torneados (Fig. 21).

As cadeiras portuguesas da 2ª.metade de seiscentos, pelo equilíbrio e nobresa de linhas e requinte do labor de madeiras e couros, tiveram grande aceitação na Europa (nomeadamente na Espanha e na Flandres) e, através a sua difusão na Inglaterra, viriam a influenciar alguns tipos de assentos desse país e da própria França.

Quanto às mesas (que nos retratos do séc.XVII aparecem inteiramente vestidas ^{de tecidos} ~~de~~ tecidos engalanados e com alamares) apresentam, na 1ª. metade do século, tampos rectangulares apinados, lisos ou decorados com embutidos de marfim (raramente de madeira) formando desenhos geométricos simples, e assentando directamente nas quatro pernas através travessas malhetadas ("trempes"), ou em aros com gavetas numa das frentes ("mesas de encostar"), ou nas duas ("mesas do centro"). As gavetas e os aros apresentam frentes lisas abauladas ou decoradas como os tampos, com molduras corridas, sendo as ferragens estruturais, as cantoneiras do tampo e os espelhos e pingentes das gavetas, inicialmente de ferro dourado a azougue e de recorte severo, mais tarde substituído pelo latão, e até a prata com trabalho arrendado de inspiração indo-portuguesa.

Tres tipos de pernas se usaram: abcaizantes, direitas e prismáticas com travação de régua em "H"; de inspiração da Renascença Toscana, com secção rectangular, formando um "S" aberto, de pés recortados em voluta ou casco, travadas no seu plano por peças recortadas e, longitudinalmente, por um ou dois balaústres torneados (pernas "de lira") (Fig. 22); torneadas à semelhança dos vários tipos de colunas das camas coevas, com caixilho de travação de elementos semelhantes entre si e também torneados, (Fig. 23).

Como nas camas, a influência indo-portuguesa fez-se sentir nos torneados das pernas e travações que passaram do modelo classicista "de roca" à sucessão de lenticulas e discos, mais tarde alternando com zonas estranguladas, esferoides pujantes ("cabaços") e torcidos salomónicos. Na 2ª. metade do século este último tipo de torneado das trepes e a decoração dos tampos e dos aros e gavetas, fortemente almofadados, com molduras encordoadas e "tremidos", caracterisariam o "bufete" português clássico que se manteria ainda no decorrer de setecentos e, por influência do barroco, por vezes se enriqueceria de talha vegetalista nos aros e modilhões.

Os "bufetes" de encostar ou de centro, normalmente, têm quatro pernas (por vezes com falsos apoios intermédios sob a travação), mas existem exemplares monumentais com seis (Fig. 23) e mais pernas.

Acompanharam a evolução das mesas as deliciosas "costureiras", suas miniaturas (Fig. 24), destinadas ao labor feminino, que neste século, e ainda no seguinte, marginavam estrados armados nos salões onde as senhoras se sentavam sobre coxins.

As mesas ditas "de abas", com tampo de formato vário, dividido em três partes, uma fixa sobre a trepe normal e duas de abater, apoiando em pernas suplementares com deslocamento angular, começam a aparecer no final do século, embora só se generalisem francamente no seguinte.

É possível que o seu tratamento viesse a influenciar as congéneres flamengas (anteriores, mas de raiz popular ou arcaizante), só evoluídas após o conhecimento das portuguesas difundido pelas feitorias e núcleos de judeus nacionais instalados na Flandres desde o séc.XVI.

Na maior partes das mesas eruditas seiscentistas se usaram madeiras exóticas, sendo vulgar o pau-santo e mais raros o vinhático, ou a teca, as sucupiras e o angelim indianos.

A beleza natural destas madeiras à vista, as proporções e o esmero do trabalho de torneados, moldurados e embutidos que a sua natureza facilitava, tornam as mesas portuguesas de seiscentos inconfundíveis com as congêneres espanholas e italianas, pesadas, carregadas de talha e, frequentemente, com travações de ferro ("fiadores").

Quanto às arcas mantem-se o modelo quinhentista paralelipédico ^(Fig. 25) raramente de tampo abaulado, com a caixa em vinhático e molduras corridas de pau-santo orlando as arestas, posteriormente acrescentada dum corpo de gavetas na base e enriquecida com aplicações molduradas nas faces, formando desenhos geométricos que, com a evolução, passariam a ser de "tremidos".

Pousam em pés de "bolacha" e adornam-se de ferragens forjadas e recortadas em ferro, no ferrolho da tampa, nas asas das ilhargas e nos respectivos espelhos. Mais tarde seria o ferro substituído pelo latão dourado, nestes espelhos, arrendados à maneira indo-portuguesa.

Arcas encoiradas continuam a usar-se, lavradas como as cadeiras, lisas ou com aplicações de taxaria de latão formando desenhos, e ferragens semelhantes às das congêneres de madeira.

Os arcazes de sacristia mantêm a forma quinhentista acompanhando, na 1ª. metade do século, a gramática decorativa de mesas e camas, com as superfícies planas marchetadas de embutidos de marfim em desenhos geométricos e aplicação de ferragens douradas. Tais são os existentes em Stª. Cruz de Coimbra e S. Roque de Lisboa, o primeiro devido a Pedro Nunes Tinoco e de 1622/23, e o segundo do período de 1620/35.

Sofreriam, depois, a influência verificada nos armários, revestindo-se de fortes almofadados na frente das gavetas.

São também moveis de sacristia os "amituários" (misto de contador e armário para guarda de roupas litúrgicas) de que se conserva um também em Stª. Cruz de Coimbra (de 1634 e segundo desenho do francês Samuel Tibau) e dois, monumentais, na abadia de Alcobaça datados de 1664, compostos em pau-santo e ébano como

(Fig. 26)

fachadas das igrejas coevas e todos revestidos de embutidos ao gosto do "alfarge" mourisco, de notável poder decorativo.

Os moveis nacionais mais característicos de seiscentos são, porém, os contadores, de caixotaria rectangular, pousando sobre mesa ou sobre trempe própria, todos divididos em pequenas gavetas agrupadas de forma vária, protegidas, ou não, por tampa de abater, destinados à guarda de valores, documentos e objectos pequenos. Constituem a mais importante participação de Portugal para a sumptuária europeia da época, facilmente se distinguindo dos espanhois apesar da junção das corças ibéricas entre 1580 e 1640.

Aos espectaculares "bargueños" hispano-árabes de trempe complicada, carregados de marfins, dourados e ferragens, ou decorados de densa talha e embutidos de madeira, ou revestidos de tartaruga e marfim gravados, simulando architecturas à maneira italiana, contrapõem-se os portugueses de linhas severas e proporções equilibradas, vivendo da rêsca do veio das madeiras exóticas, da finura de moldurados e embutidos de marfim, do nequite das ferragens rendilhadas de latão dourado ou prata, e da singeleza ou monumentalidade das trempes em que assentam.

Numa fase inicial poderão incluir-se os contadores de tampa assentes sobre armário de duas portas, geralmente de pau-santo e apenas decorados com filetes de marfim embutido formando desenhos geométricos de sabor renascentista, tendo ferragens arcaizantes de ferro dourado (Fig. 27).

Aparecem, depois, variadíssimos tipos de caixas do mesmo modelo, molduradas a liso ou tremidos, com ou sem tampa e alguns já sobre trempes de pernas torneadas ou recortadas, como as das mesas coevas (Fig.).

Na linha das influências indo-portuguesa e do barroco nacional cria-se, finalmente, o modelo que persistirá ainda no séc. XVIII: todo de pau-santo, sem tampa nem embutidos, com moldura de cimalha, gavetas almofadadas ou orladas de molduras lisas ou de "tremidos", trempes com pernas e travações torneadas em "bolachas", "cabaços" ou fustes salomónicos, com saiais recortados e transfurados, simples ou análogos aos espaldares das camas, mas invertidos (Fig. 29).

Este século é, também, o período áureo do armário nacional, sem dúvida inspirado nos flamengos dos meados de seiscentos que se importavam em larga escala e aos quais já ^{alude} se refere o P.^e Manuel Bernardes como fazendo parte dos enxovais das noviças dos conventos ricos. O inventário do palácio da Bemposta (onde morreu D. Catarina, que foi rainha da Inglaterra), refere-se a três enormes armários portugueses de dois corpos, destinados a guardar a louça da China.

Em geral guarda-louças e raramente roupeiros ou de oratório, ^{dos protótipos flamengos} daqueles conservaram a estrutura em dois corpos com quatro portas, os apilastrados laterais, a cimalha em moldura saliente, e uma ou duas fiadas de gavetas que substituem o seu embasamento fechado. A profusa talha meúda renascentista desaparece, porém, em quase todos, substituída pela solução estética do contraste de cores das madeiras usadas: o vinhático, a sucupira vermelha e o angelim nos elementos lisos, e o pau-santo nos almofadados e moldurados (Fig. 30). ^{Alguns exemplares mantêm a talha, como se vê:}

As ferragens mantêm-se análogas às dos contadores (por vezes multiplicando-se para decoração dos panos lisos) e os pés são, como os das arcas, de "bolacha" ou ^{figurando tentos de animais agachado.} com carrancas.

Numa 1.^a fase, as molduras são lisas e de perfil delicado. Depois vão-se enriquecendo com espinhados e tremidos, que acabam por guarnecer almofadas e pilástras.

No Norte do país, grande centro de produção de talha barroca no final de seiscentos, ela decora grandes superfícies destes armários (Fig. 31) ou as frentes dos encastrados nas paredes ("de embutir"), feitos no castanho regional, quer com elementos vegetalistas, quer com combinações entalhadas à base de triângulos, lozangulos e frisos canelados, inteiramente policromados com motivos florais, figurativos e de paisagens, por vezes realçados a ouro nas molduras.

Este tipo de armário persistiria na província até ao século XIX, mantendo o modelo arcaizante e as mesmas ferragens de ferro batido e recortado, mas com uma policromia simplista.

No final de seiscentos, e imitando os lacados dos moveis que Portugal importava do Oriente, aparecem os primeiros acharcados em armários, órgãos, ^{cadeiras,} e outras peças, com figuras e composições inspiradas em motivos chineses, pintadas a ouro fino sobre fundos negros, verdes, azulados e côr de lacre (Fig. 32).

São típicas deste fim de época as molduras de espelho retangulares e ovais com movimentada talha policromada de folhagem de acanto, aves e anjos, análoga à dos retábulos de altar coevos.

Anteriores são as estantes de igreja, para suporte dos pesados livros de canto-chão (por vezes datadas), todas de pau-santo, com embutidos de marfim, moldurados e aplicações arrendadas e cinzeladas de latão dourada.

Não está ainda suficientemente esclarecida a distinção entre o mobiliário indo-português executado na metrópole por artífices indianos e o importado directamente das possessões portuguesas da costa ocidental do Indostão.

Gôa foi, no final de quinhentos, uma das mais progressivas cidades do mundo e os portugueses que a habitavam mandaram ir mobiliário da metrópole que lá era copiado nos modelos, mas com materiais, técnica e decoração indianos.

A par dos monumentais leitos carregados de talha baixa, com motivos exóticos (Fig. 33), produziram-se mesas, contadores, escrivaninhas, escritórios, arcas, arcazes, cadeiras, oratórios, estantes de missal, etc., de modelo português, construídas em madeiras exóticas (nomeadamente a teca, o sissó, o cedro e o ébano), com a minuciosa técnica indiana de samblagens por requintados machetes, apinasamentos a madeira (evitando os pregos) e emprego de ferragens de recorte oriental, ora de ferro forjado (por vezes com gravados), ora de cobre dourado em taxaria e chapa finamente rendilhada, nos espelhos e aplicações decorativas.

Nas mesas aparecem, indistintamente, pernas torcidas como calabres, rectas ~~rectas~~ com pés recortados (como as metropolitanas "de lira"), ou esculpidas com deidades induístas (Fig. 34), repetindo-se estes dois últimos tipos nas trempes da série imensa dos ~~contadores~~ ^(Fig. 35) cujas caixas são paralelepédicas e lisas, ou acuminadas, ou com pesado corpo inferior munido de gavetões e nichos, ou simplesmente de pousar em mesas.

A decoração mais vulgar é feita com embutidos finos (enchendo, prolixamente, todas as superfícies) de ébano, outras madeiras e marfim de cores variegadas, estilizando a flora e fauna sagradas da Índia, animais ou figuras de remeniscência persa ou mogol, ou com minuciosos elementos geométricos, por vezes aparecendo motivos portugueses e cristãos: braços de armas, símbolos

religiosos ou monásticos, legendas, alegorias mitológicas, etc.

Mas há, também, mesas, contadores, escritórios, oratórios e estantes de madeiras indianas todas trabalhadas em talha baixa e profusa de tipo oriental, lacada a ouro sobre negro ou lacre (Fig. 36); arcas e arcazes lisos de sândalo ou sucupira negra com belas ferragens gravadas; e mesas, contadores e arcas de cedro com o mesmo tipo de ferragem, e decoração incisa e preenchida a massa negra, de tipo renascentista, cuja atribuição ao Oriente não está inteiramente esclarecida.

São excepcionais as peças pintadas com motivos europeus e raríssimos os armários (Fig. 37).

A influência do exotismo oriental no mobiliário europeu e, nomeadamente, nos lacados com "chinoiseries", ficar-se-ia a dever ao sucesso provocado na corte inglesa pelas peças da Índia que D. Catarina de Bragança levou no seu enxoval quando casou com Carlos II.

SÉCULO XVIII

Em Portugal o século iniciou-se com o próspero reinado de D. João V (1706-1750), monarca culto e de esclarecido gosto, faustoso protector das artes e das letras com as riquezas que afluíam do Brasil.

No reinado do seu sucessor, D. José (1750-1777), o terrível terramoto de 1755 destruiu grande parte de Lisboa e doutras cidades, acarretando a perda de preciosidades sem conta e uma depressão económica que não seria vencida pelas medidas tomadas pelo seu despótico primeiro ministro, o Marquês de Pombal, regalista mais realizador do que criador.

D. Maria I, reinando de 1779 a 1792, tentou levantar o país que se debacia nas maiores dificuldades políticas e económicas, culminadas com a invasão de Portugal pelas legiões napoleónicas em 1807, que os exércitos luso-britânicos viriam a rechassar, não sem que o país sofresse ~~de~~ sistemática pilhagem tanto de inimigos como de aliados, arindo-se, então, às modas e às ideias revolucionárias francesas.

ÉPOCA DE D. JOÃO V

A posição assumida por Portugal na guerra da sucessão espanhola (originando o corte das suas relações com a França) e seu isolamento económico e político na 2ª. metade de seiscentos, favoreceriam, no início da época, a manutenção do tipo de mobiliário do período de D. Pedro II.

Em 1715, porém, reatam-se as relações com a França, passando a importar-se desse país quantidades maciças de mobiliário e carruagens que muito viriam a influenciar a sumptuária portuguesa.

Mas, por outro lado, mantinha-se o ascendente dos moveis ingleses que, à volta de 1693, D. Catarina trouxera consigo ao regressar viúva de Jorge II, e daqueles que o país recebia, em grandes quantidades, através os portos de Lisboa e do Porto, ao abrigo das facilidades concedidas pelo tratado de Methuen assinado em 1703.

Os leitos Joaninos conservaram, a princípio, a estrutura seiscentista com docel, tendo colunas ainda de torneados fusiformes ou salomónicos, a toda a altura, com vincados estrangulamentos e saliências (Fig. 38).

Mas logo no segundo quartel do século a influência do estilo Queen Anne lhes fez encurvar as pernas, ornando-as de nós entalhados ou reforçados por anilhas metálicas.

O espaldar vasado indo-português de seiscentos torna-se cheio e perde o guarnecimento de bilros e balaústres, mas mantém o recorte periférico decorado com um novo tipo de talha, sobrevivente do estilo Willian-and-Mary, tendo motivos simétricos de engas, molduras curvas, cartelas e palmas, rematados pela concha de origem renascentista que, ao abrir-se, daria lugar ao característico feixe de plumas Joanino, (Fig. 39). O conforto das habitações fomentado pelo aumento das fortunas particulares da nobresa e da classe média, tornaria dispensáveis os doceis e cortinas dos leitos, e portanto as respectivas colunas (que apenas se manteriam em exemplares excepcionais), passando as pernas frontais a rematar-se por encurvamentos, pouco acima do estrado, enquanto as trazeiras se integravam na composição decorativa do espaldar entalhado.

Com a influência do "rocaille" Luís XV, os motivos ornamentais tornam-se assimétricos; começam a aparecer vasados na talha e na própria estrutura do espaldar, preenchido por tabelas recortadas (como nas cadeiras) ou formando caixilho a almofadas forradas de tecido; os recortes intensificam-se e contorcem-se; a talha entumesce e projecta-se nos remates de conchas e plumas (Fig. 39).

A prosperidade e progresso criam novas exigências a que correspondem tipos específicos de leitos, como os raros "sofás-camas" ou "camas à inglesa", com estrado de dobrar e esconder dentro da caixa do banco, os "preguiceiros" (Fig. 40) para descanso e ócio diurnos, e as "camas de campanha" desarmáveis para transporte. Em todos eles os espaldares acompanham a gramática Joanina mas nos "preguiceiros" (forrados a couro, por vezes lavrado) existem pernas intercalares laterais com travações torneadas, e nas "camas de campanha" três pares de pernas de desenho severo dispostas em haspa.

Os leitos desta época são normalmente, executadas no belíssimo "Jacarandá" brasileiro, mas muitos exemplares aparecem manufacturados nas madeiras indígenas, com os planos prestigiados por pintura policromada e as talhas enriquecidas a ouro fino (Fig. 41).

No que se refere a assentos, e pelas razões aludidas, as cadeiras do início da época mantêm o espaldar alto (cuja linha superior ondula ou se adorna de talha concheada) e a estrutura torneada das suas antecessoras, e tanto se revestem de couros lavrados de motivos vegetalistas, braços ou figuras com trajes da época, como de "guadamecins" policromados (Fig. 42), ou de estofos franjados, de vestir.

Simultaneamente se usam as cadeiras encoiradas de espaldar baixo com recorte superior curvilíneo ("tamboretetes") e as já referidas "quebradiças", com idêntico remate.

Acompanhando a evolução do conforto e das modas estilísticas setecentistas, inicia-se a franca decoração com motivos "rocaille" nos "cachaços" e frente dos assentos (cujos flancos se tornam ondulados), e o encurvamento pronunciado dos braços e das

pernas dianteiras que engrossam junto do aro mantendo, inferiormente, a secção circular, à maneira do "cabriolet-leg" inglês, obrigando ao desaparecimento das "testeiras" e ao uso de travações em forma de "H" ou "X".

Assim se chegaria ao modelo Joanino de espaldar alto, uma das mais características criações portuguesas da época (Fig. 43)

Dois outros tipos característicos de usaram, inspirados em modelos ingleses adaptados ao gosto nacional nas suas linhas e decoração e com estrutura inferior idêntica à descrita.

Um é derivado do estilo Queen Anne (que já vinha do final de seiscentos) com o espaldar vasado e encurvado dos lados, "tabela" geralmente lisa, recortada em forma de urna e ligado directamente ao assento, remate entalhado com concha de pluma e grinaldas, e pés de "bolacha", de "bota" ou revestidos de folha de acanto.

Abundam os exemplares de pau-santo com assento estofado e, no Norte do país os de nogueira com a talha dourada (Fig. 44), mais raros sendo os inteiramente lacados.

O outro tipo com motivos Joaninos mas mais tardio, posto derivar dum modelo Chippendale divulgado no período Georgiano inglês, tem o assento rectangular, o espaldar em forma de trapézio invertido e pouco alto, com o "cachaço" em forma de arco de besta salientando-se, lateralmente, em "orelhas" enroladas, tabelas muito ornamentais vasadas e entalhadas e pés de "bola e garra" (Figs 45)

A tendência arcaizante para o espaldar alto daria foros de monumentalidade a alguns raros exemplares destas cadeiras.

Paralelamente aos protótipos referidos usam-se, também, assentos com finalidade utilitária específica, tratados com o mesmo requinte de desenho e labor: as "cadeiras de canto" ou "de escritório" e as cadeiras "furadas", ou de retrete, de recosto baixo em semi-círculo, integrando os braços e apoiando no prolongamento das pernas, com tabelas geralmente vasadas, tendo aquelas dispostas de forma a que uma se centra frontalmente; os cadeirões de braços de character oficial ou de aparato, em que toda a riqueza da talha dourada Joanina se valorisa pelo contraste com os tecidos preciosos dos estofos fixos, ou de vestir (Fig. 46); os "canapés", com foros de novidade na época, tendo os braços encurvados e uma comodidade que não possuíam os bancos, seus antecessores, acompanhando a evolução das cadeiras que, por justaposição os compõem.

Conjuntos formados por cadeiras ("cadeiras irmãs"), banquinhos, cómodas e mesas de encostar, usaram-se muito no recheio dos salões de então.

Os "bufetes" (construídos geralmente em pau-santo) mantêm-se na moda com o tipo seiscentista, mas vai-se enriquecendo a sua obra de torno com espiralados nos fustes e "cabaços", a decoração por meio de moldurados e aplicações de "tremidos" e de talhas, sem variar o tipo das ferragens de latão aplicadas, cuja profusão aumenta (fig. 47).

Nas arcas a transformação é semelhante, apresentando-se carregadas de molduras de "tremidos" que formam compartimentações geométricas mantendo, também, um certo arcaísmo nas ferragens.

As mesas características, trabalhadas em madeiras exóticas, são rectangulares, com ou sem gavetas, sobre pernas em cabriola com pés de bola e garra e "saias" profusamente entalhados dentro do estilo vigente (Fig. 48), que nas pesadas "credências" do Norte do país executadas em madeiras indígenas para átrios, irmandades ou fins litúrgicos, atingem uma exuberância faustosa realçada pela riqueza da pintura policrómica e douramento da talha (Fig. 49).

As "mesas de abas" evoluem como os "bufetes", conhecendo-se raros exemplares com trempe magnificamente torneadas (Fig. 50), mas sendo em geral de tipo inglesado no modelo das pernas e pés, com o tampo de sicupira negra e a trempe de vinhático ou sicupira vermelha.

Aparecem os "tremós" de pernas e tampo encurvados, revestidos de talha do "rocaille" Joanino, cuja douramento seria permitido, a título de excepção, pelas "prognáticas" de 1749 do final do reinado de D. João V.

Os armários de tipo erudito, em madeiras "de fora", rareiam nesta época, mas continuam a executar-se nas madeiras do país os modelos seiscentistas revestidos a talha ou almofadados, com pintura policrómica ou inteiramente lacados a ouro sobre fundos de côr uniforme com uma técnica nacionalizada e representação de "chinoiseries", paisagens e cenas com personagens trajando à maneira da época (Fig. 51).

A cómoda francesa típica do reinado de Luís XIV criada, provavelmente, no primeiro decénio de setecentos, divulgou-se logo pela Europa mas só terá entrado em Portugal depois de reatadas, em

1715, as relações com a França.

No país existiam já, porém, desde o século XVII, moveis com a sua configuração, derivados dos arcazes nacionais ou indo-portugueses de sacristia e suportes de contadores, com pernas baixas e a característica profusão de gavetões e gavetas.

A cómoda portuguesa terá derivado destes moveis, embora inspirando-se nos modelos franceses (bojudos, folheados, com saial baixo e tampo de mármore, cheios de bronzes cinzelados) e nos modelos ingleses mais discretos, usando sempre, com maior ou menor parcimónia, a talha com motivos da decoração Joanina, nas pernas e saiais (por vezes exuberantemente descidos) substituindo, à maneira portuguesa, as aplicações metálicas estrangeiras não funcionais (Fig. 52).

Normalmente, estes moveis vivem da beleza das madeiras exóticas à vista e da finura e nitidez da talha, mas as oficinas provincianas do Norte (nomeadamente as de Lamego) produziram, também, belíssimos exemplares em nogueira e cerejeira que seriam policromados e dourados, encontrando-se, mais raramente, alguns lacados.

A papelreira (cómoda encimada por uma estrutura com pequenas gavetas e escaninhos, fechada por tampa inclinada que, aberta, serviria de mesa de escrever) divulgada na Inglaterra e Holanda, é um móvel estranho à sensibilidade portuguesa mas, no entanto, muito usado com enriquecimento de elementos decorativos de talha nas cantoneiras chanfradas, nos pés em voluta inseridos diagonalmente, tendo ilhargas geralmente planas e frente duplamente ondulada. São vulgares as papelreiras encimadas por oratórios rematando em frontão e ~~figuras~~ entalhadas (Fig. 53).

Cómodas e papelreiras são enriquecidas com ferragens de latão fundido, cinzelado e dourado em que os motivos "rocaille" se entremeiam de cachos de uvas nacionais ou de águias santas.

Os espelhos, que em setecentos deixaram de ser acessório decorativo de conjuntos, requintam-se na época de D. João V, ainda plenos de talha dourada com os motivos característicos, na sequência dos antecessores seiscentistas, ou já inglesados e de tipo rectangular, em pau-santo com fina talha dourada, nas grinaldas laterais pendentes, centrando aberturas em concheado, rematando engras e elevando-se na pluma cimeira.

ÉPOCA DE D. JOSÉ

Monarca mais morigerado, por índole, na ostentação e luxo que seu magnânimo pai e reinando num país devastado pelo terramoto de 1755 que agravou a crise económica que já atravessava, natural seria que o mobiliário da sua época se viesse a reflectir da austeridade e economia que as circunstâncias impunham, embora mantivesse, inicialmente, a decoração Joanina, sabido que grande parte dos móveis do chamado estilo D. João V se executou já no reinado de D. José.

De novo os marceneiros portugueses requintaram na sua arte, criando motivos próprios ou adaptando ao geito equilibrado e sóbrio das tradições nacionais os protótipos britânicos que continuavam a ter grande aceitação por práticos e simples, e os modelos franceses cuja influência se acentuaria na 2ª. metade do século. Sabe-se pelos inventários do Palácio de Queluz e da casa do Duque de Aveiro, de 1750, que grande abundância de mobiliário se importava de França.

Os leitos conservam, a princípio, o tipo Joanino, simplificando-se no recorte do espaldar, adoptando o pé francês denominado "de cachimbo" e revestindo-se de talha mais baixa e delicada, com motivos simétricos aportuguesados pela reprodução da flora nacional (Fig. 54).

Mas depois dos leitos de espaldar cheio, com recortes moldurados e ligeiramente entalhados, rematado por conchas e plumas como última convulsão do "rocaille", aparecem os chamados "de renda" (Fig. 55), ainda com pés de bola e garra, e o espaldar recortado em curvas e contra-curvas, de orla entalhada em concheados e decoração de finas ramagens que descem ou se entrelaçam.

Simultaneamente, se usou o tipo mais característico da época, (Fig. 56) em que o espaldar cheio (ou vasado, para almofadar com sedas de ramagens), se rodeia dum caixilho de recortes sinuosos tendo as intersecções decoradas por conchas ou ramagens, apoiando em tabelas trabalhadas e rematando por ramallete de flores de fina talha vasada ou concha pouco projectada. As pernas trazeiras, arrincoadas e com os topos estilizados em chamas, concheados ou engras, ora se integram no espaldar ora o ladeiam.

Os leitos "de campanha" e os "preguiceiros" (Fig. 57), continuam a executar-se dentro das formas Joaninas mas evoluem de acordo com as novas tendências da simplificação da talha baixa e simétrica e da utilização de vasados.

Como na época anterior os leitos são, sobretudo, executados nas ricas madeiras exóticas (pau-santo e jacarandá, vinhático, Gonçalo Alves, etc.), por vezes prestigiadas com douramento das talhas mas muitos existem, dos mesmos tipos, em madeiras nacionais, então inteiramente polieromadas e dourados na decoração (Fig. 58).

Por influência da moda francesa o trabalho de embutidos (de que Portugal tinha uma extraordinária experiência seiscentista autócnone e indo-portuguesa), revivesceu na decoração de alguns leitos, com motivos florais trabalhados em madeiras de várias cores discretas (Fig. 59).

Nas cadeiras, como nos "canapés" e banquinhos, os modelos Joaninos inglesados transitam, inicialmente, para virem a sofrer um refinamento de desenho e transformação do tipo de talha, paralelos aos dos leitos.

A par dos pés de bola e garra aparecem os de voluta e "de cachimbo" do estilo Luís XV, acentuando-se a influência francesa: na transformação do espaldar em caimilho fechado com os lados reentrantes e os cantos arredondados ("violonné") (Fig. 60); no sistema de ligação dos braços ao assento, prolongando as pernas dianteiras (diferente do inglês em que aquelas se justapõem lateralmente); no aparecimento do estofado dos braços.

Os tipos franceses Luís XV (o amplo "fauteuil" (Fig. 61), a cadeira sem braços, mais reduzida, ou "chaise à la reine", e "cabriolet", com assento semi-circular e recosto abaúlado), adaptam-se à feição Josefina pela elevação do espaldar e adelgaçamento dos aros, que os torna mais elegantes; pelo começo do trabalho das joelheiras das pernas logo abaixo do aro; pelo emprego da tabela vasada de madeira, à inglesa; pelo carácter da talha desta tabela e do "cachaço".

Cria-se, assim, no 3º. quartel do século o tipo requintado e característico da cadeira do estilo de D. José (Fig. 62) de que Lisboa foi o principal centro produtor, geralmente executada em madeira de pau-santo, com requintadas variantes nas cadeiras "dobradiças", que continuavam a usar-se; nas "de costura", baixas

de pernas e com a feminilidade que a sua utilização exigia; nas inultrapassáveis cadeiras de escritório de remota inspiração inglesa (Fig. 63) cuja monumentalidade das grandes superfícies lisas contrasta com a finura da talha profusa; e nas monumentais cadeiras de cerimónia (Fig. 64), em que o lavor da mesma talha encaixilha os amplos estofados.

A par destes tipos difunde-se um outro, derivado de modelo usado pela classe média inglesa, com pernas rectas e lisas de secção quadrangular, "cachaço" arqueado e tabela lisa, com vazamentos, que os marceneiros do Porto embeleseram com características próprias, até ao ponto de a revestirem com os clássicos embutidos Josefinos de cravos e rosas.

A projecção dos modelos nacionais no Brasil e Rio da Prata (em que gerações de marceneiros portugueses trabalhavam) deu origem a exemplares notáveis, reflectindo a pujança do barroquismo exótico local (Fig. 65).

Mesas executaram-se, na época, de vários modelos: "de abas" (cuja beleza está no contraste da simplicidade do tampo com o desenho das pernas e pés); as inglesadas com "pé-de-galo" (tendo tampo de pequeno diâmetro, perna em balaústre, e três pés entalhados); as de jogo, umas com pernas rectas como as cadeiras correspondentes e sóbrio tratamento do aro e tampo de dobrar, outras com aquelas encurvadas em "S" e finamente galbadas e estes decorados com embutidos de madeiras de cores várias, dentro da linha decorativa Luís XVI adaptada ao gosto e modéstia portuguesas; as "de cabeceira", (para colocar aos lados da cama), pequenas cómodas-armário por vezes com tampo de mármore e decoração de embutidos; os "tremós" afrancesados, de planta trapezoidal, pernas muito onduladas de travação trabalhada, sobrepostos de altos espelhos, constituindo conjuntos com talha e dourado à maneira Josefina.

Mas o tipo mais característico encontra-se nas mesas "de encostar" das oficinas lisboetas, em pau-santo ou jacarandá, com a frente, os lados e os saiais ondulando em vários sentidos, gavetas molduradas e pernas duma subtil elegância, fortemente arqueadas em "8", com rico trabalho de talha em mascarões, vieiras e folhagem estilizada (Fig. 66).

Deste modelo, adaptado a mesa de centro circular com fun-

ções múltiplas (de jogo, toucador, etc.) e possuindo tampos sobreponíveis embutidos a marfim, existem raros modelos (Fig. 67), cuja talha é dum preciosismo afim dos trabalhos de ourivesaria.

Mesas, cadeiras e bancos de uso eclesiástico no Norte, com talha pujante e contorcionada inspirando-se em desenhos decorativos germânicos, dos meados do século, foram identificadas em autor e época pelo Prof. Robert Smith.

As cómodas continuaram a fazer-se com as madeiras e o desenho da época de D. João V, em modelos altos com várias fiadas de gavetas e gavetões, derivando para as características "meias-cómodas" tendo um gavetão e duas gavetas, pernas altas com pés em "cachimbo", e característica talha nos "saiais" já de desenho Josefino.

Mas aparecem monumentais exemplares em forma de urna (Fig. 68) cuja riqueza plástica lhes advem do equilíbrio entre a forma opulenta e a singeleza da decoração de moldurados e são vulgares, no Sul do país, os modelos abaúlados de influência francesa, com tampos de madeira ou mármore, todos folheados a pau-santo e pau-rosa, desenhando espinhados ou com embutidos geométricos e florais, por vezes ornando-se de talhas que, com dignidade modesta, substituem as requintadas aplicações dos bronzes cinzelados franceses.

As papeteiras seguem a evolução das cómodas e é esta a sua grande época, tendo característico trabalho entalhado nas cantoneiras, pés e, por vezes, na própria tampa. Existem preciosos exemplares em pau-santo (Fig. 69) e em madeiras indígenas, estes inteiramente revestidos com o acharoadado português de motivos orientais (Fig. 70).

Cómodas e papeteiras são, com frequência, sobrepujadas por oratórios ou estantes com nichos, de duas portas e frontão partido e duplamente ondulado, guarnecido de grinaldas e pináculos finamente entalhados, aqueles encaixilhados por talha dourada e com fundos "estofados" em decoração floral policrómica (Fig. 71).

Também na época se usaram muito os relógios de caixa alta, geralmente acharoadados dentro do espírito dos ingleses que se sabe terem sido importados, em quantidade, pelo Marquês de Pombal, para uso das repartições públicas depois do terramoto de 1755.

Os espelhos mantiveram o tipo Joanino inglesado, em pau-santo com a talha dourada característica da época.

Muito vulgares eram os oratórios de pousar ("maquinetes"), de formato tronco-piramidal, tendo três lados envidraçados e fundo "estofado", frontais de viciaras ou plumas e pés de voluta, decorados com talha muito fina, à côr da madeira, se usada a exótica, ou polieromados e dourados.

ÉPOCA DE D. MARIA I

Sofreria o estilo desta época duas principais influências: a francesa, do tranqüilo estilo Luís XVI de formas regulares e motivos inspirados nas antiguidades de Herculaneum, como natural reacção às extravagâncias do "rocóco"; e a inglesa, do paralelo movimento devido à acção de Adam, Chippendale (na sua última fase) e os seus continuadores Hepplewhite e Sheraton, pondo na moda as decorações "à pompeiana".

Os leitos do estilo de D. Maria I (embora mantendo a estrutura dos do anterior reinado, com cabeceiras elevadas e pés sem resguardo) evoluem num sentido de simplicidade requintadamente feminina. Alguns executam-se em pau-santo (Fig. 72) segundo o modelo Josefino, mas com o caixilho do espaldar ovalizado e moldurado (para estofar com as delicadas sedas coevas) incorporando as pernas trazeiras, encimado por fina talha vasada representando laços, flores, ou urnas donde pendem grinaldas. Outros, com as cabeceiras fechadas, de formas serenas, rectangulares, trapezoidais, circulares ou ovais, constroem-se em madeiras exóticas, com predominância do pau-cetim e de embutidos de madeiras coloridas, formando desenhos geométricos, ou com elementos neo-clássicos muitas vezes encaixilhando motivos deste tipo: festões de perlados, panejamentos pendentes, alegorias amorosas, medalhões, ramos florais, laçarias (Fig. 73).

As pernas pendem curvas e talhas, tornando-se prismáticas ou tronco-piramidais e rematam, nos topos, por esferoides ou urnas de vários tipos.

Na província, o primeiro tipo descrito trabalha-se na madeira de castanho nacional, exigindo pintura completa que, na almofada, muitas vezes representa ingénuos mais saborosos quadros ou paisagens, à maneira de Pillement, pintor francês que na época

trabalhou com grande sucesso em Portugal (Fig. 74).

Nas cadeiras predominaria, de início, a influência do estilo ^{de Luís XVI.} XVIII. Estofadas ou empalhadas, de espaldar geralmente oval, têm pernas direitas torneadas em balaústre com caneluras; braços estofados cujos suportes encurvam para o interior; decoração entalhada de motivos neo-clássicos (pérolas, fitas entrelaçadas, toros de folhagem, caneluras); aposto no "cachaço" e frente do assento, o típico laço XVI (Fig. 75).

A existência, no Porto, duma preponderante colónia britânica ligada à comercialização do seu famoso vinho e o partido tomado por Portugal no antagonismo anglo-francês, em breve faria recrudescer a influência britânica nas cadeiras nacionais, que se adaptaram, sob uma infinidade de variantes, aos modelos dos alburns de Hepplewhite e Sheraton, executando-se ora nas madeiras exóticas (sobretudo o pau-santo e o vinhático) ora nas indígenas (nogueira, cerejeira, espinheiro, etc.).

A estrutura tem modelo comum, com assente empalhado de forma trapezoidal e flancos rectos, ligeiramente curvilíneos ou, mais raramente, ondulados; as pernas dianteiras são tronco-cónicas, lisas ou caneladas, prolongando-se nos suportes dos braços com inflexão para o interior; a travessão dos apoios é constituída por reguas dispostas em "H".

A grande diversificação verifica-se, porém, nos espaldares, que tanto têm o formato afrancesado da oval com tabela em urna vasada, como o de Hepplewhite, em escudo, de desenhos variadíssimos, ora o simplesmente trapezoidal ou rectangular, com elementos verticais centrados por balaústre entalhado. ~~Fig. 75~~

Em qualquer caso é maneirismo português típico o ondulado dos troços das prumadas trazeiras entre o assento e o espaldar.

Os elementos são decorados discretamente com moldurados, filetes, singelos motivos embutidos, ou fina talha no espaldar, muitas vezes rematado (como a frente do assento), por uma pequena flôr ou um escudete oval com tarjas diagonais.

São típicos do Sul do país os conjuntos de sofá e cadeiras denominadas "douradinhas" (Fig. 76), executados em madeira "de caixa", do Brasil, empalhados e todos pintados, sobre fundo branco ou creme, com dourados e motivos policromados, ou de tipo

camafeu, em grinaldas, medalhões, festões e, até, paisagens.

As cadeiras oficiais e de cerimónia apresentam-se mais nacionalizadas (por falta de inspiração em protótipos alheios), às vezes com sobrecarregada monumentalidade. (Fig. 76)

As mesas mais características são as "de jogo" e "de encostar", rectangulares ou semi-circulares, com meio-tampo de abrir e prumadas rectas e singelas, tendo decoração de temas neo-clássicos formada por embutidos em madeiras injectadas a cores diversas, e ferragem simples, circular ou oval, geralmente de chapa de latão estampada com ~~prelados~~.

São excepcionais as redondas, com "pé-de-galo", como a da Fig. 75 assinada por J.J.Raposo, de Lisboa, e com o discreto trabalho de embutidos de influência inglesa.

Correntes são os "tremós", usados aos pares e sobrepostos de espelhos, únicos móveis da época com franca decoração de talha dourada sobre fundo branco, evoluindo do "rocóco" para o estilo Luís XVI (Fig. 75).

Os armários mantêm a estrutura de dois corpos e formas paralelepípedicas severas e lisas, em vinhático ou pau-cetim, com os embutidos e ferragens indicados.

As cómodas vulgares são altas, de forma paralelepípedica, faces planas, pés tronco-piramidais ou recortados, executadas naquelas madeiras ou em pau-santo e com decoração ao gosto da época, simplificando os modelos franceses de que derivam.

Mas conservam-se, também, os tipos Josefinos alterados apenas nos motivos decorativos da talha ou embutidos e das ferragens, como existem modelos com decoração compartimentada e trabalho requintado de embutidos e aplicação de esmaltes (Fig. 75).

As papleiras são raras, usando-se as versões francesas capeadas e embutidas, com tampa plana inclinada e pernas altas e finas, ou com pés baixos, gavetões e tampa "de cilindro", como as duas assinadas por Domingos Tonuta, uma datada de 1790 (Fig. 77).

Os espelhos, rectangulares ou ovais, são orlados de finíssima talha transfurada e com douradura, figurando urnas e grinaldas pendentes (Fig. 75) com motivos semelhantes aos dos "tremós" e de algumas mesas e bancos que refletem o estilo neo-clássico italiano introduzido em Portugal por Luís Chiari (1795-1835).

SÉCULO XIX

Quando D. João VI (1816-1826) voltou do seu exílio voluntário de 14 anos no Brazil (onde conservou o coroa portuguesa durante a invasão de Portugal pelas legiões napoleónicas) veio encontrar o país minado e dividido pela difusão das novas teorias políticas e sociais francesas que, sob aspectos constitucionais, originaram as lutas liberais no reinado da sua filha D. Maria II (1826-1853) e as crises políticas subsequentes com D. Pedro V (1853-1861), D. Luis (1861-1889), culminando, após o advento dos ideais republicanos, com a queda da própria monarquia pouco após assassinado D. Carlos (1889-1908).

Apesar da natural tensão das relações luso-francesas, a arte duma França victoriosa e prestigiada no mundo não podia deixar de projectar-se, também, no país, se não em convergência com o estilo Directório (por corresponder ao período crítico das relações), ao menos no do Império que, durante algumas décadas, foi moda em Portugal. Por estranho insensibilidade e gosto portugueses, só originou, porém, cópias pesadas e desgraciosas e simplificações frustes e sem interesse.

Do início de século conservam-se cadeiras simplificadas, passando os espaldares à forma rectangular com grades de colunelos, ferros de lança invertidos e vasos, singelas réguas agrupadas de intercalados de esferas e liras.

Os topos das pernas trazeiras salientam-se do espaldar e os braços, quando existentes, são colocados mais altos e apoiando em prolongamentos torneados das pernas dianteiras.

A decoração da talha vai desaparecendo para dar lugar aos arrincados e embutidos singelos.

A cadeira Directório (que o Império perfilharia), de tipo greco-romano com pernas arqueadas, também se usou em Portugal em versões modestas denominadas de "perna de feijinha", por vezes com embutidos.

Depois de 1820 as cadeiras simplificaram-se mais, adoptando a linha alemã Biedermeier por influência de Fernando de Saxe-Coburgo Gotha, príncipe coasorte de D. Maria II.

Quando as tropas francesas invasoras retiraram de Portugal, ainda se usavam leitos semelhantes aos do final do séc. XVIII, mas com espaldares maciços, rectangulares ou com bordo superior curvilíneo, lisos ou ornamentando-se periféricamente de arrincados ou faixas de embutidos simples, rematando no alto por rectangulos com flocões entalhados ou embutidos.

Depois da invasão do leito francês, o nacional traduziu-se numa versão severa de mogno folheado e pulido com aplicações de latão dourado, tendo igualmente

enroladas a cabeceira e os pés, como nos de tipo "en bateau", de ilhargueiros altos encaixando as roupas.

Mesas de jogo de pau santo maciço ou folheadas a nozno usaram-se em modelos singelos de pernas tronco-piramidais lisas ou com uma coluna apoiando em base de pernas cantonais encurvadas.

Outros móveis característicos são os toucadores com aspecto idêntico às primeiras, tampo de abrir com espelho, gavetão central e gavetas laterais em duas alturas; as mesas de cabeceira do mesmo tipo, com duas portas, ou em escada com prateleira superior; os tremós simplificados, cobertos por tampo de mármore e de espelhos rectangulares.

Muitas vezes as ferragens eram substituídas por aplicações de talha dourada.

Os armários eram lisos, tendo o corpo inferior gavetões e o superior duas portas, muitas vezes de vinhático ou folheados, com moldurado simples, ou copiando as cantoneiras inglesas, encimados por frontões partidos ladeando uma urna, e com as portas envidraçadas em desenhos geométricos.

Conservam-se conjuntos de mobiliário seguindo a linha Império, no palácio de Queluz, ou do neo-barroco, no da Ajuda em Lisboa, não sendo raros os móveis que, por influência de D. Fernando II, se inspiravam nos estilos tradicionais, em cópias e arranjos de gosto duvidoso, por vezes de excelente técnica, como os devidos ao excelente entalhador Leandro Braga (1839/97).

Bibliografia sumária

Não existe, ainda, qualquer obra definitiva de conjunto sobre o mobiliário português cujo inventário generalizado, no país e estrangeiro, está por fazer e de que escasseiam elementos documentais publicados.

Para uma apreciação genérica há que recorrer a pequenos trabalhos de síntese tais como: O nosso mobiliário, de Nogueira de Brito (Enciclopédia pela Imagem, Porto, s/d), e os capítulos que lhe dizem respeito integrados em obras gerais: História da arte em Portugal, iniciada por Aarão de Lacerda (Porto, 1942/1953); Arte portuguesa, dirigida por João Barreira (Lisboa, s/d); Oito séculos de arte portuguesa, de Reynaldo dos Santos (Lisboa, s/d); Le meuble dans le monde (Paris, 1967); Historia del mueble, de Luis Feduchi (Madrid, 1966); The art of Portugal, de Robert C. Smith (Londres, 1968).

Estudos sobre mobiliário local, fundamentais, mas a consultar com reservas, são os devidos a Alfredo Guimarães: Mobiliário artístico português (vol. I - Lamego, Porto 1924; X vol. II - Guimarães, Vila Nova de Gaia, 1935); e: Mobiliário do paço ducal de Vila Viçosa (Lisboa, 1949). Também o trabalho de Fernando Castelo-Branco: Lisboa seiscentista (Lisboa, 1957), dedica um capítulo ao assunto.

Em contrapartida estão publicadas monografias pormenorizadas, de muito interesse, sobre alguns tipos de móveis, como sejam: Leitos e camilhas portuguesas, de J. F. da Siva Nascimento (Lisboa, 1950); Cadeiras portuguesas, do mesmo autor e A. Cardoso Pinto (Lisboa, 1952); O móvel pintado em Portugal, de Artur de Sandão (Pombal, 1966); Cadeiras de Portugal, de Robert C. Smith (Lisboa, 1968).

A este último autor (grande ^{especialista} tratadista da talha, da imaginária e do mobiliário eclesiástico do barroco português) se devem ^{as obras} artigos fundamentais relativos ao assunto, publicados em diversas revistas: Antichità viva (n.ºs 5 e 6, de 1965); The connoisseur (n.ºs 577 e 578, de 1959; 631 e 632, de 1964; 647 e 655, 1966); Antiques (n.ºs 1 e 2 de 1962, e 6 de 1963); Colóquio, (n.º 52, de 1969), etc. (veja-se a sua bibliografia em "Pelas-Antes", n.º 30, 1976, subscreva por Flávio Gonçalves).

Subsídios dispersos para a história do mobiliário colhem-se em obras de índole vária: Materiais para a história da vida urbana portuguesa. A mobília, o vestuário e a sumptuosidade nos sécs. XVI a XVIII, de A. Tomás Pires (Lisboa, 1899); A sociedade medieval portuguesa, de A. H. de Oliveira Marques (Lisboa, 1964); As corporações dos ofícios mecânicos - Subsídios para a sua história, e: Livro dos regimêtos dos officiaes mecânicos da mui nobre e sêpre leal cidade de Lixboa, dados à estampa, respectivamente, por Franz-Paul Langhans (Lisboa, 1943/46) e Vergílio Correia (Coimbra, 1926); as Provas da: História geneológica da casa real portuguesa, de D. António Caetano de Sousa (Coimbra, 1946/54), etc.

Muitas referências a mobiliário se encontram na legislação referente às "Pragmáticas" referidas no texto, em inventários (sobretudo dos processos da "Inquisição"),

formais de partilhas, testamentos, contratos e outros documentos, infelizmente poucos ainda publicados, tais como: Memória sobre um inventário artístico do ano de 1564 do paço dos duques de Bragança, em Lisboa (José Mendes de Cunha Saraiva, Lisboa, 1948); Mobiliário do séc. XVIII (Lisboa, 1943); Inventários e sequestros das casas de Távora e Atouquia em 1759 e: Inventário e sequestro da casa de Aveiro em 1759 (ambos dados à estampa por Luís Bivar Guerra, Lisboa, 1954 e 1952). Sobre estes dois inventários escreveu António de Aguiar nm resumo de muito objectivo: "Mobiliário português do séc. XVIII (separata do vol. XVIII da revista "Ocidente").

Àcerca das influências recíprocas do mobiliário português e estrangeiro devem ler-se as citadas obras de Robert Smith e ; Mobiliário luso-brasileiro, de Gustavo Barroso (Anais do Museu Historico Nacional, vol. I, 1940, Rio de Janeiro); o catálogo da exposição: El arte luso brasileiro en el Rio de la Plata (Buenos Aires 1966); Relações entre o mobiliário português e estrangeiro, de Maria Helena Mendes Pinto (Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga, nº. 2, Lisboa, 1966).

Quanto ao mobiliário popular português consultem-se por ex. : El mobiliário de los países románicos, de Fritz Krüger (Coimbra, 1963), e: A arte popular em Portugal, dirigida por Fernando de Castro Pires de Lima (Lisboa, s/d).

Sobre mobiliário indo-português são essenciais os capítulos que lhe dizem respeito das histórias de arte já referidas e, sobretudo, a obra de Maria Madalena de Cagigal e Silva: A arte indo-portuguesa (Lisboa, 1936); além de outros artigos da autora dispersos em revistas e jornais.

Muitos móveis de interesse estão descritos e reproduzidos nos ^{doze} ~~vito~~ volumes do: Inventário artístico português ^{de} ~~de~~ ^{así agora} publicados pela Academia Nacional de Belas Artes, assim como em inúmeros catálogos de leilões e exposições, nos roteiros dos museus e palácios nacionais e, até, nas enciclopédias portuguesas.

Elementos históricos e generalidades proveitosas colhem-se nos artigos ~~de~~ ^{que} ~~de~~ ^{de} Carlos da Silva Lopes, ~~publicados nos últimos anos~~ ^{já leido, publicou} na rubrica: "Bricabraque" do suplemento dominical do jornal do Porto: "O 10. de Janeiro", ^{entre 1963 e 1978, que} ~~estão em vár de ser~~ ^{estão em vár de ser} ~~editado em volume.~~ ^{editado em volume.}

MOBILIÁRIO PORTUGUÊS

SÉC.	FIG.	A PRETO E BRANCO	COLORIDA/COLORIDA
XV	1	Cadeira de D. Afonso V - Museu Nacional de Arte Antiga (M.N.A.A.)	
XVI	2		"Anunciação"; retábulo de Santos-o-Novo (M.N.A.A.)
	3		"Anunciação"; escola portuguesa do séc. XVI (M.N.A.A.)
	4	Banco gótico de carvalho (M.N.A.A.)	
	5		"Mes de Janeiro" - Miniatura do Livro de Horas de D. Manuel (M.N.A.A.)
	6		Retrato de D. Sebastião "Descalzas Reales" - Madrid
	7	Cadeira da Igreja de Sto. Maria do Bouro, Braga	
	8		"Anunciação" do retábulo da Madre-de-Deus (M.N.A.A.)
	9		"Monte da Virgem" do retábulo do Paraíso (M.N.A.A.)
	10	Arca do Snr. Arqº. Fernando Távora, Foz do Douro	
	11		"Anunciação" do retábulo de Torres Vedras
12	Armário do Convento de S. Bernardo - Museu de Portalegre		
XVII	13		Leito de pau santo com aplicações de latão e docel - Faço dos Duques de Bragança, Guimarães.
	14	Cama com embutidos de marfim do Snr. Engº. José Gama, Santo Tirso	
	15	Cama de hilros de D. Celeste Cabral, Évora.	
	16	Cama de hilros do Snr. Dr. Semião Pinto de Mesquita, Guimarães	

SÉC.	FIG.	A PRETO E BRANCO	COLORIDA
XVII	17	Cama de ébano e prata do Sr. António Lencastre - Porto	
	18	Cadeira de braços do Mosteiro de Odivelas (M.N.A.A.)	
	19		Cadeira de braços do Sr. Carlos de Sousa - Porto
	20	Cadeira de couro lavrado do Convento de Sta. Clara de Coimbra (M.N.A.A.)	
	21	Sanco ferrado a couro - Museu Regional de Lamego	
	22	Mesa de lira com embutidos de marfim do Eng ^o . Bernardo Ferrão - Foz do Douro	
	23	Bufete de 6 pernas torneadas - Fundação Ricardo Espírito Santo, Lisboa (F.R.E.S.)	
	24	Conjunto de 4 costureiras do Séc. XVII (fotografia do autor)	
	25	Arca de vinhático e pau santo do Arq ^o . Fernando Távora, Foz do Douro	
	26		Armário da abadia de Alcobaça
	27	Contador de pau santo com embutidos, sobre armário. Dr. Pedro Homem de Melo, Porto	
	28	Contador de embutidos sobre trempe de lira, Artur de Sandão, Porto.	
	29	Contador de 3 pernas de "roca" com saial vasado - Eng ^o . Henrique Chaves, Lisboa	
	30		Armário, louceiro de duas madeiras - Álvaro César Machado, Foz do Douro

SÉC.	FIG.	A PRETO E BRANCO	COLORIDA
XVII	31	Armário de talha da Casa das Brolhas, Lamego	
	32		Orgão lacado do Museu da Sé de Braga
	33	Cama indo-portuguesa da família Lemos de Magalhães, Moreira da Maia	
	34		Mesa indo-portuguesa de embutidos de marfim - Museu do Carmo - Lisboa
	35	Contador indo-português com embutidos de madeira - Conde do Lavradio, Lisboa	
	36		Escritório entalhado e lacado - Eng. Couto Soares - Porto
	37		Armário indo português de sândalo do Museu Municipal de Viana do Castelo
XVIII D. João V	38	Cama de pau santo com docel do Sr. Artur de Sandão - Porto	
	39	Cama D. João V de pau santo do Eng. Luís Vaz Pinto, Porto.	
	40	Preguiceira da colecção Dr. Anastácio Gonçalves, Lisboa (C.A.G.)	
	41		Cama pintada do Dr. Amador Valente - Lisboa
	42		Cadeiras forradas a couro de Córdova do Sr. João Fernandes - Porto
	43	Cadeira D. João V com couro gravado, da Casa-Museu de Guerra Junqueiro, Porto (C.M.G.J.)	
	44	Cadeira de braços com talha dourada do Sr. João Marques Pinto, Porto	

Sfco.	Fig.	A PRETO E BRANCO	COLORIDA
45		Cadeira de braços D. João V (C.M.G.J.)	
46		Cadeira do Mosteiro de Lorvão (M.N.A.A.)	
47		Bufete de oito pernas do Paço Ducal de Vila Viçosa (P.D.V.V.)	
48		Mesa entalhada do P.D.V.V.	
49			Credência pintada do Museu de Arte Sacra de Évora
50		Mesa de abas de pau santo do Snr. Arq ^o . Augusto Amaral, Por- to.	
51			Armário lacado do Snr. Dr. Ama- ral Cabral - Lagos da Beira
52		Cómoda de pau santo da C.M.G.J.	
53		Papeleira de pau santo com ora- tório da família Miranda, Beiris.	
D. José	54	Cama de talha dourada do Snr. Álvares Burmester Martins, Porto.	
	55	Cama arrendada do Snr. Jorge Ávila Graça, Lisboa	
	56	Cama almofadada da família Rus- sell de Sousa, Porto	
	57	Camilha de pau santo da família Amaral Cabral, Lisboa	
	58		Cama pintada do Snr. Jacinto Fro- re Temudo - Lisboa
	59	Cama com embutidos do Snr. Car- los Cardoso, Foz do Douro	
	60	Cadeira D. José do Snr. Russell de Sousa, Porto	
	61	Fauteil do Snr. Eng ^o . Henrique Chaves, Lisboa	
	62	Cadeira D. José do M.N.A.A. - - Arquivo Fratelli Fabri.	
	63	Cadeira de escritório do Snr. Duque de Palmela, Lisboa	

SÉC:	FIG.	A PRETO E BRANCO	COLORIDA
	64		Cadeira de braços dourada do P.D.V.V.
	65	Cadeira de jacarandá da Catedral de Buenos Aires (Argentina)	
	66	Mesas de encostar D. José da família Olazabal - Museu Nacional de Soares dos Réis (M.N.S.R.)	
	67	Mesa de centro de jogo com tampos vários do Brigadeiro Inácio Teixeira Coelho, Lisboa.	
	68	Cómoda de pau santo do Dr. Guilherme Moreira, Lisboa	
	69	Papeleira de pau santo do Sr. Vasco Burmester Martins, Porto	
	70		Papeleira lacada da Fábrica da Vista Alegre - Vagos
	71	Cómoda oratória de pau santo. Arquivo Fratelli Fabbri	
D. Maria I	72	Cama da colecção Barros - Porto	
	73	Cama de embutidos do Sr. Jorge Ávila Graça - Lisboa	
	74		Cama pintada da Quinta da Póvoa - Águeda
	75		Conjunto neo-clássico da F.R. E.S. (arg. F.F. 406.331)
	76		Sofá e cadeira pintados da F.R.E.S. (arg. Fratelli Fabbri)
	77	Papeleira com embutidos da família Vasconcelos Porto, Porto.	

UNIVERSITY of PENNSYLVANIA

PHILADELPHIA 19104

The College

22 de Janeiro de 1971

DEPARTMENT OF ART HISTORY
G-29 FINE ARTS BUILDING

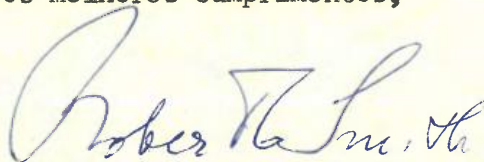
Exmo. Sr. Eng. Bernardo Ferrão
R. da Senhora da Luz, 24
Foz do Douro, Porto, Portugal

Meu Excelentíssimo Amigo,

Ao voltar, há dias, da Europa, encontrei esta resposta da Casa Fabbri à minha carta do 21 de Outubro passado. Se bem que pouco satisfatória, pois revela que a publicação que nos interessa foi suspensa, pelo menos esclarece este facto e promete a possibilidade duma futura realização. Lamento, como já lhe disse, em carta anterior, de ter sido agente deste desapontamento, tão grande para todos os que se interessam pela história do mobiliário em Portugal, fazendo votos de ver esta importante obra publicada dentro em breve.

Lamento também a impossibilidade de ter ido à sua procura no Porto, durante a minha recente visita. Passei apenas uma tarde naquela cidade, quando regressava de Braga, onde passei uma semana de trabalho intensivo. Fui trabalhar em Coimbra, onde estudei a documentação da Biblioteca da Universidade, à qual quero dedicar uma monografia. Estava também estudando os púlpitos daquela zona do País, em preparação de um volume correspondente ao dos cadeirais.

Com os melhores cumprimentos,



FRATELLI FABBRI EDITORI S.p.A.

Share capital it.L. 12.000.000.000

PUBLISHERS - EDITEURS - VERLAG - EDITORES

20138 Milano, Via Mecenate 51

Our ref. CPR/Sez. Lett./AL/ml
(please quote in the answer)

Milan, 21st December 1970

Mr. ROBERT C. SMITH
University of Pennsylvania
Department of Art History
G-29 Fine Arts Building
PHILADELPHIA 19109

Subject: essay on "The Portuguese furniture" by M. Bernardo
Ferrao - "Arti Decorative" series -

Dear Sir,

we follow up to your kind letter of last October 21st.

We regret that Prof. Gonzales did never reply to your letters and we apologize for him; probably he did not receive them as he is mostly absent from Florence because of his many engagements which oblige him to frequent travels.

We inform you that the text "The portuguese furniture" we entrusted Prof. Ferrao with through your kind interest, for our series "Arti Decorative", has not yet been utilized since the publication of the collection has been for the moment suspended.

However we do not exclude the possibility to publish said essay in "Arti Decorative" or in another work in conformity with the provisions of our agreement.

In this case it will be our care to contact Prof. Ferrao as soon as we have taken a definitive decision on the matter.

Yours sincerely

FRATELLI FABBRI EDITORI

Federico Coradi

Copyright Office

UNIVERSITY of PENNSYLVANIA

PHILADELPHIA 19104

The College

22 de Outubro de 1970

DEPARTMENT OF ART HISTORY
G-29 FINE ARTS BUILDING

Meu Excelentíssimo Amigo,

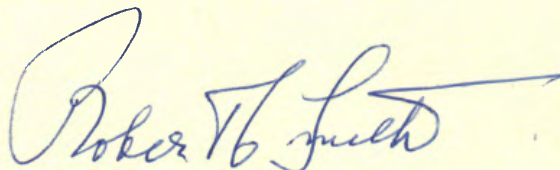
Muito obrigado pelas suas cartas de 8 e 13 de Outubro, que me apresso a responder. Inquieto pelo silêncio da Casa Fabbri, a respeito da tal enciclopédia, como também da recusa do Sr. González Palacios de dar resposta às minhas cartas, mandei um pedido urgente a estes editores de que uma cópia acompanha esta carta. Não lhe posso dizer quanto sinto esta situação de incerteza, tão desagradável a nós dois. Logo que tiver qualquer notícia do assunto, comunicarei consigo.

Quanto ao novo convite, digo já o que houve. Conheci o Sr. Denys Sutton, o brilhante director da revista Apollo, no almoço da inauguração da nova sede da Gulbenkian, há um ano quase exactamente, quando me explicou a sua ideia de um número dedicado à arte portuguesa do século XVIII, que ele teve a gentileza de dizer nasceu do meu livro The Art of Portugal. Combinámos, na altura, que eu fizesse um artigo sobre as minhas descobertas em Braga, que lhe acabo de enviar, sob o título de Três Artistas de Braga, 1735-1775. Estes são Marceliano de Araújo, André Soares e Frei José de Santo António Vilaça.

No decurso do verão, que passei aqui, correspondi com o Sr. Sutton e os pais do meu afiliado Lourenço conversaram com ele em Londres. Resultou uma série de recomendações da minha parte, que o director da Apollo acaba de pôr em execução. Recomendei o Sr. Engenheiro, o Prof. Flávio Gonçalves, o Sr. Carlos de Azevedo e o Dr. José Augusto França, pessoas que são para mim os melhores críticos e historiadores da arte que actualmente o País possui. Eu pessoalmente não faço mais nada, deixando o campo das artes decorativas inteiramente aberto ao meu ilustre amigo.

Numa cerimónia impressionante na vossa embaixada de Washington, na sexta-feira passada, recebi o grande colar da Ordem de Sant'Iago, condecoração magnífica que tanto me agradou. Na noite de 25 (Domingos próximo) vou passar uma semana em Lisboa, por motivo da entrega de Prémio Camões. Se quiser comunicar comigo, estarei às suas ordens no Hotel Tívoli, de Lisboa.

Com os meus melhores cumprimentos e as mais sinceras desculpas pelo silêncio dos Fratelli Fabbri.



October 21, 1970

Fratelli Fabbri
Mecenate, 91
Milano, Italy 20138

Dear Sirs:

I am writing about an urgent matter which is as follows. In the spring of 1968 I received an invitation from one of your employees, Mr. Alvar Gonzalez Palacios to write an essay on Portuguese furniture for an encyclopedia of furniture and decoration to be published by Fratelli Fabbri in the near future. Since I was unable to do this, I recommended two people in Portugal. Mr. Gonzalez Palacios chose one of them, Eng. Bernardo Ferrao, who accepted his invitation and submitted a manuscript. Subsequently he has heard nothing from Mr. Gonzalez Palacios or from Fratelli Fabbri and I am distressed because I feel a responsibility in the matter. I have written several times to Mr. Gonzalez Palacios, his address in Florence, but have had no reply, although, I dealt with a variety of subjects including the distribution of an article which I published in your magazine Arte Illustrata, nor have I had any reply to my letter to the Director of this magazine.

For all these reasons, therefore, I am taking the liberty of writing directly to you in the hope that you can clarify the status of the encyclopedia of furniture and give me some idea as to when it may be published. I should also like to know whether it will contain the contribution by Eng. Ferrao.

With many thanks I am,

Sincerely yours,

Robert C. Smith
Professor

cm

FRATELLI FABBRI EDITORI S.A.S.
20138 MILANO - VIA MECENATE, 91
TELEF. 5095

DISPOSIZIONE N. 05245 am

Spett. Banca

CREDITO ITALIANO
ag. 1
cto. 40395

Gent. Dott.
Bernardo BERRAO
Bero da Senhora da Lus
24 For do Doure
PORTO (Portugal)

Vi preghiamo di accreditare a _____

L'importo di L. 55.000=

cinquantacinquemila=

In conformità a quanto convenuto in data
28/2/69

VALUTA 21/3/69

Distinti saluti,

GA.SA. 1425

FRATELLI FABBRI EDITORI s.a.s.

quale primo anticipo sul saggio "Le meuble portugais"

43/6 AUTORI ARTI DECOR.

Pagata ritenuta d'acconto di L. 6885
con bollettino n. 899 del 18/3/69
sul c/c n. 3/1394 a favore della
Tesoreria Provinciale dello Stato
di Milano.

002-007/0397-8

6245 278/1370

BERNARDO FERRAO
 BERO DA SENHORA DA LUS
 24 FOR DO DOURE
 PORTO (PORTUGAL)

FRATELLI FABBRI EDITORI

di Giovanni, Dino, Rino Fabbri e C. s.a.s.

MILANO - VIA MECENATE, 91 - TEL. 5095

C/C POSTALE N. 3/32784

ABBIAMO REGISTRATO A VS.

Ricevuto
CREDITO

QUANTO SOTTO SPECIFICATO:

CAUS.	CAT.	DESCRIZIONE OPERAZIONE	IMPONIBILE I. G. E. O BOLLO	% I. G. E. O BOLLO	TOTALE I. G. E. O BOLLO	NETTO	IMPORTO ADD. O ACC.
40		<i>F. Autiapo</i> RITENUTE D'ACCONTO PER ARTI DECORATIVE	55000	4.00	2200	55000	55000
					2200	55000	55000

TURATI LOMBARDI E. C. - MILANO - I 3984-68

COPIA PER IL CLIENTE

DOCUMENTO N.

12577

MILANO, DATA 14-3-69.....

L' I. G. E. È STATA VERSATA SUL C/C POSTALE N. 3/80 1° UFFICIO I. G. E. DI MILANO
 AUTORIZZAZIONE MINISTERIALE N. 175919/64 DEL 21/9/64.

POSTAGIRO SETTIM.

DATA	N.
210369015	330

EVENTUALE BOLLO APPLICATO SULL'ORIGINALE

BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

PALÁCIO ATLÂNTICO
PORTO

Telef. 27971 — End. Teleg. TINANDA — Telex 720

Porto, _____ 3. OUT 1969

Ordem de Pagamento n/ n.º OPE 57996

MONTANTE
DA ORDEM: LIT. 70.000,00

Comunicamos a V. Sa(s). que procedemos ao seguinte lançamento em liquidação da ordem de pagamento acima indicada.

A S/ CRÉDITO EM C/ D/O 100 - 04250 - I

Esc. 3.160\$20 Contravalor do montante
acima indicado ao câmbio

VALOR: de \$045147

BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

<i>Destinatário</i> Exa ^{ta} Senhor Dr. BERNARDO FERRÃO Rua da Senhora da Luz 24 FOZ DO DOURO	
<i>Por ordem de</i> Fratelli Pabbri Editori S.A.S. Via Mecenate 91 20138 MILANO	
<i>Motivo do Pagamento</i> as par contract dd. 28.2.69	
<i>Banco ordenador</i> BANCA NAZIONALE DELL'INDUSTRIA MILANO	
<i>Ordem de</i> 22.9.69	<i>Referência</i> 3573

6245

278/475

FERRAO BERNARDO
BERO DE SENHORA DE LUE
24 FOR DO DAURE
PORTO - PORTUGAI

FRATELLI FABBRIO EDITORI

di Giovanni, Dino, Rino Fabbri e C. s.a.s.

MILANO - VIA MECENATE, 91 - TEL. 5095

C/C POSTALE N. 3/32784

ABBIAMO REGISTRATO A VS.

RICEVUTA

QUANTO SOTTO SPECIFICATO:

CAUS.	CAT.	DESCRIZIONE OPERAZIONE	IMPONIBILE I. G. E. O BOLLO	% I. G. E. O BOLLO	TOTALE I. G. E. O BOLLO	NETTO	IMPORTO ADD. O ACC.
40		SALDO SUL SAGGIO - LE MEUBLE PORTUGAIS - PER ARTI DECORATIVE	70000	4.00	2800	70000	70000
					2800	70000	70000

TURATI LOMBARDO E C. - MILANO - 13984-68

COPIA PER IL CLIENTE

DOCUMENTO N.

48405

MILANO, DATA

8- 9-69

L' I. G. E. È STATA VERSATA SUL C/C POSTALE N. 3/80 1° UFFICIO I. G. E. DI MILANO
AUTORIZZAZIONE MINISTERIALE N. 175919/64 DEL 21/9/64.

POSTAGIRO SETTIM.

DATA	N.
190969	05.380

EVENTUALE BOLLO APPLICATO SULL'ORIGINALE

FRATELLI FABBRI EDITORI S.A.S.
20138 MILANO - VIA MECENATE, 91
TELEF. 5095

DISPOSIZIONE N. 07805 mr

Spett. Banca

NAZIONALE DELL'AGRICOLTURA
CTO. 1776

Egr. Dott.
FERRAO **Bernardo**
Bero da **Senhera da Lua**
24 For do Doure
PORTO (Portugal)

Vi preghiamo di accreditare a 

L'importo di L. 70.000.=

Settantamila . =

In conformità a quanto convenuto in data
28.2.69

VALUTA 18/9

Distinti saluti,

GA.SA. 1425

FRATELLI FABBRI EDITORI s.a.s.
Giuseppe Fabbri

quale saldo sul saggio "Le meuble portugais"

43/6 AUTORI ARTI DECORATIVE

Pagata ritenuta d'acconto di L. 87.59 =
con bollettino n. 109 del 12/9/69
sul c/c n. 3/1394 a favore di
Tecnica Provinciale del
di Milano.

FRATELLI FABBRI EDITORI s. a. s.

PUBLISHERS - EDITEURS - VERLAG - EDITORES

91, Via Mecenate 20138 Milano (Italy)

Telex: 32321 FABBRI

Rif. MB/eg/cb
(da citare nella risposta)

Gentile Dottore
Bernardo Ferrao
Beco de Senhora da Luz
no. 24 For do Douro
PORTO

Milano, 10 settembre 1969

Gentile Dottore,

ho ricevuto il suo testo sul mobile portoghese e la ringrazio vivamente. Ho provveduto a inviarlo al dott. Gonzalez immediatamente, affinché lo possa leggere.

Per quanto riguarda il pagamento dovutole, il nostro ufficio contabile è stato avvisato da me e al più presto lei riceverà il saldo.

Mi è gradita l'occasione per porgerle i miei più cordiali saluti.

EDITORIALE ARTI FIGURATIVE

Dr. Marina Brizi



FRATELLI FABBRI EDITORI s. a. s.

PUBLISHERS - EDITEURS - VERLAG - EDITORES

91, Via Mecenate 20138 Milano (Italy)

Telex: 32321 FABBRI

Rif. MB/eg/cb
(da citare nella risposta)

Gentile Dottore
Bernardo Ferrao
Beco de Senhora da Luz
no. 24 For do Douro
PORTO

Milano, 16 luglio 1969

Gentile Dottore,

mi permetto di disturbarla, in quanto,
essendo ormai scaduto il termine di consegna del suo
testo dedicato ai mobili portoghesi, le sarei grata
se mi potesse fornire qualche notizia in merito.

Grata per l'attenzione che vorrà prestar
mi, colgo l'occasione per porgerle i miei più cordiali
saluti.

FRATELLI FABBRI EDITORI

Dr. Cecilia Merighi

Cecilia Merighi

PREGHIAMO DI VOLER CORTESEMENTE
PRENDERE NOTA CHE UFFICI E STABILIMENTI
DELLA

FRATELLI FABBRI EDITORI

RESTERANNO CHIUSI PER LE FERIE ANNUALI

dal 2 al 24 agosto 1969

A:
"FRATELLI FABRI EDITORI"
Via Mecenate, 91
Milano
ITALIA

Porto, 28 de Fevereiro de 1969

Excelentíssimos Senhores

Junto devolvo, devidamente rubricado e assinado, o duplicado do contrato alterado que recebi a coberto da vossa carta de 12 pretérito, referência CPR/2011/69.

Embora devolva o contrato assinado, não quero deixar de estranhar que tenham sido nele feitas alterações relativamente ao contrato primitivo (que aceitei com a única excepção referida), alterações que são prejudiciais aos meus interesses. Quero referir-me ao parágrafo intercalado no artigo 9) (e que não existia no 8) primitivo), e ao desaparecimento do 2º parágrafo do artigo 11) primitivo.

No que se refere à cláusula 2) do presente contrato, lembro que a lista das reproduções escolhidas para ilustrar o texto foi por mim já enviada com a carta de 30/10/968, restando que se verifique o acôrdo a que se refere o final da mesma cláusula.

O original do texto será enviado antes do fim do próximo mês de Março, conforme o prescrito.

Aguardando as vossas notícias é com os melhores cumprimentos de toda a consideração que me subscrevo, muito atenciosamente,

BANCO ESPIRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

FILIAL DO PORTO

Porto, 28-3-69

Ex.mo(s) Snr.(s) DR. BERNARDO FERRÃO

BAIRRO DA SENHORA DA LUZ, 24
FOZ DO DOURO

Amigo(s) e Senhor(es)

Pela presente levamos ao conhecimento de V. S.a(s) de que temos à v/ disposição a quantia de:

Lts. 55.000,00

CINQUENTA E CINCO MIL LIRAS.

por ordem de CREDITO ITALIANO, MILANO

e conta de F.LLI FABRI EDITORI SAS., VIA MECENATE 91, MILANO

Para efeito do recebimento desta ordem, agradecemos o favor de nos devolver(em) duas das três declarações inclusas, devidamente preenchidas e assinadas por V. S.a(s).

Aguardando as v/ notícias, subscrevemo-nos com elevada consideração e estima,

De V. S.^{a(s)} At.^{os} e Ven.^{os}

BANCO ESPIRITO SANTO
E COMERCIAL DE LISBOA
PORTO

ENTRADA DE INVISÍVEIS CORRENTES

Ao

BANCO ESPIRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

F Bernardo Fernandes
com domicílio em Rua Luísa da Cruz, n.º 24. Pdo, declara(m), para os
devidos efeitos, que ~~cheque~~ a transferência n.º abaixo discriminado(a) é referente
ao pagamento de direito de auto para obra de saneamento

Banco estrangeiro: União Fabiano - Milano
Remetente: Fratelli Fabiani S.p.A.
Domicílio do remetente: Via Venezia, 91, Milano
Valor da operação: SS. 000.000
DATA 6 / 5 / 1969 (a) Bernardo Fernandes

TRIPLICADO PARA O DECLARANTE

FRATELLI FABBRI EDITORI

di G. D. R. Fabbri & C. s.a.s.

20138 MILANO - Via Mecenate 91

Telefono: 50.95 - Telegrammi: LIBRIFABBRI - Telex: 32321 FABBRI

C. C. Postale n. 3/32784 - C. C. di Milano n. 354638

Rif. CPR/2011/69
(indispensabile citare nella risposta)

Milano, 12 febbraio 1969

Gentile Dottore,

facciamo seguito alla Sua lettera per informarla che abbiamo provveduto a correggere la clausola n° 2) del contratto di cui Le inviamo una nuova copia.

Non ci è possibile modificare tale clausola nei termini esatti da Lei proposti in quanto già possediamo molto materiale illustrativo di cui Le inviamo i bianco e nero con plico a parte.

Nel caso Lei desiderasse integrarlo con altre illustrazioni, dovrebbe fornircene un elenco e provvederemo noi stessi a procurarcele.

Se Ella è comunque in possesso di materiale fotografico e può prestarcelo o cederlo a un prezzo accettabile saremo lieti di concludere un accordo con Lei in merito allo stesso.

Ugualmente provvederemo noi a chiedere autorizzazioni e permessi per le riproduzioni.

Restiamo in attesa e Le inviamo i nostri migliori saluti.

Fratelli Fabbri Editori

Ufficio Copyright

Federica Gereoli

Gent.mo Dott.
Bernardo FERRAO
Bero da Senhora da Lus
24 For do Doure

P O R T O (Portugal)

FC/pc

Entre M. BERNARDO FERRAO - Beco da Senhora da Luz - 24, Foz do Douro Porto (Portugal) (ci-de-suite dénommé "l'Auteur") d'une part

et la Maison FRATELLI FABBRI EDITORI, légalement représentée par M. Giovanni Fabbri, Via Mecenate 91, Milan (Italie) (ci-de-suite dénommée "les Editeurs") d'autre part

étant donné que la Maison d'Edition Fratelli Fabbri est en train de réaliser une encyclopédie dédiée aux Arts Décoratifs et qu'elle entend confier la rédaction d'un essai à M. Bernardo FERRAO qui accepte d'y procéder, en considération de quant ci-dessus déclaré et des accords mutuels dont à ce contrat les parties conviennent ce qui suit:

1) L'Auteur s'engage à rédiger, d'après les indications fournies par les Editeurs, un essai concernant: "Le meuble portugais", d'environ quinze pages dactylographiées, chaque page étant de deux mille frappes (trente lignes de soixante sept lettres chaque) accompagné d'une page bibliographique raisonnée concernant le sujet traité dans l'essai.

20/10/68

2) L'Auteur s'engage à livrer aux Editeurs dans le 28 Février 1969. la liste des reproductions choisies pour illustrer l'essai (trente en couleurs et quarante en blanc et noir).

Pour la rédaction de cette liste les Editeurs soumettront à l'Auteur les copies blanc et noir du matériel déjà existant dans leurs archives; au cas où ce matériel s'avérerait insuffisant l'Auteur s'engage à fournir aux Editeurs, dans le plus bref délai, une liste des ouvrages que les Editeurs auront à photographier.

La liste définitive des ouvrages à reproduire sera à la suite concordée entre l'Auteur et le Directeur de la collection.

3) Les Editeurs s'engagent à envoyer à l'Auteur une photo blanc et noir de chaque illustration choisie par l'Auteur au dehors du matériel existant dans les archives des Editeurs dès que ceux-ci ont obtenu les photos des ouvrages indiqués par l'Auteur.

4) L'Auteur agissant pour soi, ses héritiers et ayants cause à n'importe quel titre cède aux Editeurs la propriété littéraire et le droit exclusif d'impression, publication même partielle et vente des textes dont au paragraphe 1) en Italie et à l'étranger, dans toute langue, pour la période maxima consentie par la loi.

Les Editeurs auront le droit d'utiliser les textes de l'Auteur dans les termes ci-dessus même dans des ouvrages autres que celui dont à la prémisses du présent contrat et sous de différentes formes de publication, la reproduction sur des films didactiques ainsi que la diffusion radio-télévisée y comprises.

5) Les Editeurs se réservent le droit de transférer à des tiers, complètement ou en partie, en Italie et à l'étranger, les droits dont à ce contrat.

6) L'Auteur assure les Editeurs que les textes qu'il va fournir d'après ce contrat sont originaux et de sa production intellectuelle.

7) L'Auteur s'engage à livrer la liste dont au par. 2) dans le terme sus-dit et les textes en double copie dactylographiée, chaque page étant de deux mille frappes (trente ligne de soixante sept lettres chaque), dans le 31 Mars 1969.

Les termes de livraison sont essentiels; par conséquent, au cas de non ponctualité dans la livraison, les Editeurs se réservent le droit de considérer le présent contrat comme nul et non avenu avec effet immédiat.

8) Au cas où les textes livrés par l'Auteur ne répondraient pas exactement au caractère de l'ouvrage dont ils feront partie l'Auteur s'engage à y apporter les nécessaires modifications dans les termes indiqués par les Editeurs.

Au cas où les modifications ne seraient pas satisfaisantes pour les Editeurs ceux-ci auront la faculté de résoudre le présent contrat avec effet immédiat.

Les Editeurs se réservent aussi le droit d'apporter directement, après accord avec l'Auteur, des modifications non substantielles (petites coupures, adjonctions, etc.), au cas où celles-ci se rendraient nécessaires par d'exigences de mise en page.

9) D'après requête de l'Auteur, les Editeurs lui feront parvenir les premières épreuves de ses textes qu'il s'engage à corriger et à rendre dans quinze jours dès réception des mêmes.

Les textes livrés par l'Auteur s'entendent définitifs de façon qu'il ne soit pas nécessaire d'apporter sur les épreuves des corrections causant d'amples remaniements de la composition typographique. Au cas où cela s'avérerait tous frais y relatifs seront débités à l'Auteur.

Au cas où l'Auteur ne rendrait pas les épreuves dans le terme sus-dit les Editeurs auront le droit de publier les textes après les normales révision éditoriale et correction des épreuves réalisées aux soins des Editeurs.

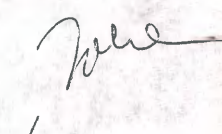
10) Pour tout ce qui est prévu dans ce contrat, les Editeurs s'engagent à payer à l'Auteur le montant total et forfaitaire de L. 125.000.= (cent vingt cinq mille) à correspondre comme il suit: L. 55.000.= (cinquante cinq mille) à la conclusion du contrat; L. 70.000.= (soixante dix mille) à l'approbation des Editeurs des textes complets, corrigés et prêts pour l'impression.

11) Les Editeurs s'engagent à faire parvenir à l'Auteur, à titre gratuit, cinq copies de la première édition du fascicule où les textes dont ci-dessus seront publiés.

12) Pendant toute la durée de cet accord les Editeurs auront le droit pour chaque ouvrage dans lequel seront publiés les textes dont au para-

2/8/69

Nov

./.

...
 graphe 1) ci-dessus, de réaliser le nombre d'éditions et de les distribuer dans le nombre de réimpressions qu'ils jugeront convenable.

Le tirage minimum des ouvrages dans lesquels paraîtront les textes de l'Auteur sera de mille exemplaires.

Les Editeurs se réservent le choix des types d'édition (papier, caractères, illustrations, nombre de pages, etc.), la fixation et les modifications du prix de couverture et du titre.

Même après l'échéance de ce contrat les Editeurs auront le droit de continuer la vente jusqu'au complet épuisement des copies en stock.

13) Au cas où, pour des nouvelles éditions de l'ouvrage comprenant les textes dont à ce contrat, il serait intention des Editeurs de procéder à des remaniements substantiels des textes dont au paragraphe 1), les Editeurs s'engagent à s'adresser à l'Auteur pour les modifications nécessaires et à lui correspondre un montant proportionné à l'importance de ces modifications et calculé sur base du paiement dont au paragraphe 10).

14) Tout différend relatif au présent contrat sera confié à un Collège de trois arbitres qui auront à décider d'une façon équitable et seront dispensés de se conformer aux règles du droit substantiel et processif.

Chaque partie choisira un arbitre dans le délai de vingt jours de la demande à ce sujet, rédigée et envoyée par lettre recommandée d'une des parties à l'autre partie.

Au cas où l'une des parties ne communiquerait pas à l'autre partie dans le terme dont ci-dessus le nominatif de son arbitre le même sera nommé par le président du Tribunal de Genève sur demande de l'autre partie.

La partie la plus diligente demandera au Président du Tribunal la désignation du Président du Collège arbitral au cas où les arbitres choisis par les parties ne s'accorderaient pas sur sa nomination dans vingt jours dès l'acceptation de la tâche.

Les arbitres ainsi nommés prononceront le jugement arbitral dans soixante jours de la date d'acceptation du Président du Collège arbitral. Aucune contestation n'est admise contre le jugement arbitral ainsi prononcé.

Porto, 28/Reverino/959

BERNARDO FERRAO

FRATELLI FABRI EDITORI

Bernardo Ferrao

FRATELLI FABBRI EDITORI

di G. D. R. FABBRI & C. s.a.s.
PUBLISHERS - EDITEURS - VERLAG - EDITORES
20138 Milano, Via Mecenate 91

Lettre-enregistrée

Our ref. CPR/1246/69
(please quote in the answer)

Milan, le 11 Janvier 1969

Dr.
Bernardo FERRAO
Bero da Senhora da Luz
24 For do Douro

P O R T O
(Portugal)

*Quizada 29 Via da
Cilipnada, Ma a-
nos, em 17/1/69*

\$

Monsieur,

nous nous référons à votre lettre du 22 Novembre écoulé et nous désirons avant tout nous excuser pour le délai avec lequel nous faisons suite à la même.

Puisque nous n'avons pas exactement compris votre écriture et nous n'avons pas même réussi à obtenir une traduction de votre écrit, nous vous serions vivement obligés si vous aviez l'obligeance de nous faire parvenir dite lettre tapée à la machine.

Etant donné qu'il s'agit de quelques modifications à apporter à notre contrat du 24 Octobre 1968, nous jugeons convenable d'être en mesure de comprendre exactement ce que vous nous communiquez à l'égard.

Vous remerciant à l'avance pour votre aimable coopération nous vous prions d'agréer, Monsieur, nos salutations les meilleures et les plus distinguées.

FRATELLI FABBRI EDITORI

F. L. Sartori
dr. Sarzi Sartori

Bureau Copyright

all. 1

Porto, 22/Novembro/1968

UFFICIO
COPYRIGHT

2 DIC. 1968

A: Fratelli Fabbri, Edizioni
Via Venezia, 91 - Milano

Res. Senhora

2 DIC. 1968

Em referência à vossa carta de 13 passado e relativamente ao último parágrafo da alínea 2) do vosso contrato, ele não diz que o autor deva fornecer uma lista das novas peças a fotografar, mas sim que deverá enviar cópias a preto e branco das reproduções escolhidas entre as do arquivo Fabbri.

Julgo, pois, que a alínea 2) deverá ser substituída por outra em que se esclareça: que o autor se compromete a submeter aos Edições, até 30/10/1968, uma lista de todas as reproduções a introduzir no seu texto, para a elaboração de qual os Edições lhe fornecerão cópias a preto e branco do material existente no seu arquivo.

Constituirá em cargo dos Edições a obtenção de todas as reproduções que não existam neste arquivo e serão ou não indicadas pelo autor na sua referida lista, depois de aprovada pelo Director da colecção.

Qualquer despesa que o autor tenha de fazer para possibilitar os serviços fotográficos dos Edições a obtenção destas fotografias (incluindo um vencimento diário, a fixar, pelo seu tempo gasto para o efeito), será lhe -ão libertada à parte do montante indicado na alínea 10) e a preto, contra os documentos respectivos.

fica, assim, respondido o final do P.S. da vossa referida carta, pois deturpia que me seja enviada uma rectifica-

ção do contrato, de acordo com a alínea proposta.

Relativamente às peças em que haverá desperdas na obtenção das fotografias (além das dos fotografos), são todas aquelas que não pertencam a Pireus, isto é, a grande maioria, salvo as do particular do Ponto, uma vez eu afui residir.

Ita', pois, me puzer-me a fazer de mim de deslocar a vários pontos do país, propositadamente, para ocupar os vários fotografos e conseguir a autorização dos particulares para me deixarem fazer as fotografias, o que não se conseguirá por outra forma.

Quando ao texto da obra, está sermi-mado e a dactilographar-se, e terá remediado a W. Gs. logo que estiverem, por mim, o contrato respectivo, com as correções pedidas.

Com os meus melhores cumprimentos de toda a consideração me subscrevo, muito atenciosamente,

Benjamin de Sousa

FRATELLI FABBRI EDITORI

di G. D. R. Fabbri & C. s.a.s.

20138 MILANO - Via Mecenate, 91 - Tel. 50.95

Indirizzo telegrafico: LIBRIFABBRI - MILANO
C. C. Postale n. 3/32784 - C. C. di Milano n. 354638
Capitale versato 1.000.000.000

Rif. MB/ac/mb
(indispensabile citare nella risposta)

Gentile Dottore
Bernardo Ferrao
Beco de Senhora da Luz
no 24 For do Douro
PORTO

Milano, 13 novembre 1968

Gentile Dottore,

spero vorrà scusare se finora non ci siamo messi in contatto con lei, ma la sua lettera è stata sottoposta al Dottor Alvar Gonzalez il quale però, a causa di una forte forma influenzale, non ha potuto ancora risponderci.

Le scrivo comunque ugualmente per spiegarle soprattutto la parte finale del punto 2 del contratto. In essa si dice che qualora l'autore non ritenesse sufficiente il materiale del nostro archivio per illustrare il suo testo egli potrà fornirci una lista di nuovi pezzi da fotografare, lista che sarà approvata dal Dottor Gonzalez, e in seguito noi gli invieremo i bianchi e neri. Devo convenire che questo punto non era per niente chiaro e anzi le chiedo di scusarci, sperando che ora non sorgano più malintesi.

Per quanto riguarda la questione del fotografo ho parlato con il nostro ufficio interessato e mi dicono che per ora non si prevedono viaggi in Spagna. Penso quindi che potremo senz'altro valerci dell'aiuto del Signor Horacio Rego, ma le saremo più precisi appena avremo parlato col Dottor Gonzalez circa la sua lista.

Ci risentiremo pertanto fra breve e nel frattempo le invio un cordiale saluto.

EDITORIALE ARTI FIGURATIVE

Dr. Marina Brizi

M Brizi

P.S. Aggiungo due righe, poichè sarebbe meglio che lei mi in-
viasse una lista dei pezzi per cui si presentano difficolt
tà nei permessi di riproduzione. Potremmo così renderci
conto di quanto può servirci e fino a che punto l'eventua
le spesa rientra nel preventivo di questa pubblicazione.
Ci dica dunque per favore per queali pezzi vi sono diffi-
coltà e noi le scriveremo al più presto qualche cosa in
merito.

Vorrei anche dirle che se desidera una rettifica del con-
tratto al punto 2 il nostro ufficio Copyright provvederà
subito ad inviarle una lettera indicante la clausola e-
satta.

Resposta 22/11/68

Per favore, è v/carta de 13 pagas e relativamente ao ul-
timo paraf. da alinea 2) do contrato ele vai diz que ~~o autor~~ ^{o autor}
deve fornecer uma lista das obras para a fotografia ~~do autor~~ ^{do autor}
~~ou de quem~~ ^{ou de quem} a quem deve ser dada a licença de reprodução e cubrida
em nome do editor Fabbri, ~~ou de quem~~
Julgo, por, ~~o autor~~ ^{o autor} se cubrida em nome seu me
se a clausula: ~~que o autor se compromete a submeter ao Edi-~~
tor, até 30/ outubro/68, uma lista de obras a reproduzirem a
indicação no verso, para a elaboração de qual o Editor ^{deve}
necessar ~~o autor~~ ^{o autor} a quem se fornece de material e in-
teresse no seu editor. ~~Adicionalmente~~ ^{Adicionalmente} encargo do Edi-
tor a obtenção de obras a reproduzirem foi ~~o autor~~ ^{o autor}
neste respeito. Devesse sido indicada pelo autor a
sua respectiva lista, devesse de ~~o autor~~ ^{o autor} pelo ~~o autor~~ ^{o autor}
originalmente foi devesse de ~~o autor~~ ^{o autor} devesse de ~~o autor~~ ^{o autor}
reproduzirem ~~o autor~~ ^{o autor} devesse de ~~o autor~~ ^{o autor}
indicado na alinea 10), contra o ~~o autor~~ ^{o autor} ~~o autor~~ ^{o autor} e a
quem, ~~o autor~~ ^{o autor} ~~o autor~~ ^{o autor}
fica, além, ~~o autor~~ ^{o autor} o ~~o autor~~ ^{o autor} do T.F. de ~~o autor~~ ^{o autor}
contra, ~~o autor~~ ^{o autor} no ~~o autor~~ ^{o autor} devesse de ~~o autor~~ ^{o autor}

No de acordo com a ordem imposta

Relativa mente às leis, não se pode haver diferença de lei na obtenção das forças, por, de toda a natureza de lei que não produzam os mesmos efeitos, a grande maioria, talve de de particular, que impedam no todo, onde um sucedo.

Ita', uni, que parece que deve de me deitar, de impedição, com o tempo, a razão, porém de particular, coexistência e natureza, mas com particular.

Quando se trata de obra, que a lei a lei de lei, logo, não se mudou logo que o tempo o mudou com a, = sucessos, indicadores.

Porto, 12 de Novembro de 1968

A "Fratelli Fabbri Editori"

Via Mecenate, 91

M I L A N O

Recebi, em tempo devido, a carta datada de 30 de Outubro findo, ref^a.RN/ac/mb.

A lista das fotografias foi enviada na data pedida, apesar do atraso do recebimento do contrato, que aguarda, para ser assinado, o esclarecimento pedido na carta com que acompanhei a referida lista.

Satisfazendo ao solicitado na vossa carta, segue o meu "curriculum" pedido:

Bernardo Ferrão de Tavares e Távora, nasceu em Guimarães em 17/4/913 e formou-se em Engenharia Civil, em 1938, na Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, cidade onde reside desde 1924.

Trabalhou entre 1938 e 1948 na Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos e, a partir dessa data, como gerente de Empresas, nomeadamente de construção civil e obras públicas.

Só a partir de 1945 se começou a interessar pelo estudo da arte portuguesa, no sector das artes decorativas e, especialmente, da arte indo-portuguesa.

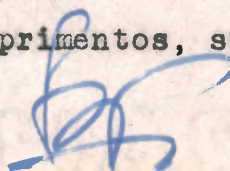
Neste último capítulo dedicou-se a investigações sobre a respectiva imaginária, a cujo inventário geral está procedendo vai para dois anos.

Também se tem dedicado à inventariação do mobiliário português seiscentista.

Tem editadas várias obras da sua especialidade de engenharia civil, nomeadamente: "Perfis-tipo e dimensionamento de suportes e revestimentos de alvenaria" com data de 1942.

Sobre arte apenas tem publicados três artigos relativos a imaginária indo-portuguesa, nos n.ºs. 43, 45 e 48 da revista "Colóquio" da Fundação Calouste Gulbenkian e, para publicação breve, o artigo: "Imagens indo, singalo, sino e nipo-portuguesas", a sair na revista "Museu", do Porto, a monografia extensa: "Os "Bons-pastores" indo-portugueses de marfim", bem como três inventários de moveis seiscentistas do Porto.

Com os meus melhores cumprimentos, subscrevo-me,



Porto, 30 de Outubro de 1968

A: Fratelli Fabbri Editori

Via Mecenate - 91

M I L A N O

Acuso a recepção do telegrama de 24 passado e das minutas do contrato recebidas em 26 seguinte.

Antes de devolver o respectivo duplicado assinado, gostaria de ser esclarecido sobre a parte final do 2), que não compreendo bem.

Também agradeceria me informassem se cabe a esse Empresa o pagamento de despesas minhas de deslocação e estadia para acompanhar os vossos fotografos, pois sosinhos não conseguirão obter algumas das fotografias a realizar em casas particulares distantes da minha residência no Porto.

É claro que a verba fixada para direitos de autor se é pequena para todo o trabalho desejado, não cobriria aquelas despesas.

Junto a lista das fotografias, muitas das quais correspondem a gravuras publicadas em outras obras, e cujos clichés talvez se consigam por acôrdo entre os seus possuidores e essa Empresa.

Lembro um bom fotógrafo do Porto, habituado a trabalhos desta natureza e não muito caro: Horácio Rego - Rua de Costa Cabral nº.609 - Porto.

O texto está completamente esquiçado mas tem de sofrer remodelação no sentido de se incluir nas 19 folhas dactilografadas concedidas.

Tudo farei para o entregar antes do fim de Novembro, se me fôr possível.

Não será viável, porém, conjugá-lo com as legendas das gravuras, sem ter uma colecção completa das fotografias a obter, e essas legendas darão bastante trabalho.

Com os meus melhores cumprimentos de toda a consideração, subscrevo-me, atenciosamente,



MOBILIÁRIO PORTUGUÊS

SÉC.	FIG.	A PRETO E BRANCO	COLORIDA	
XV	1 ✓	Cadeira de D.Afonso V - Museu Nacional de Arte Antiga (M.N.A.A.)		
XVI	2	foto de pólio; anjo de madeira e couro;	"Anunciação" retábulo de Santos-o-Novo (M.N.A.A.)	
	3	armário		
	4 ✓	Banco gótico de carvalho (M.N.A.A.)	"Anunciação"; ciclo português do séc. XVI (M.N.A.A.)	
	5		"Última Ceia" Igreja de Frei-ro de Espada-à-Cinta	
	6		"Mes de Janeiro" - Miniatura do Livro de Horas de D.Manuel" (M.N.A.A.)	
	7	Cadeira da Igreja de Stª. Maria do Bouro ↑ Braga	Retrato de D.Sebastião "Des-calças Reales" -Madrid	
	8		"Anunciação" do retábulo da Madre-de-Deus (M.N.A.A.)	
	9		"Morte da Virgem" do retábulo do Paraíso (M.N.A.A.)	
	10	Arca do Snr. Arqº. Fernando Távora ↑ Foz do Douro		
	11		"Anunciação" do retábulo de Torres Vedras	
	12	Armário do Convento de S. Bernardo - Museu de Portalegre		
	XVII	13		Leito de pau santo com aplicações de latão e docel. Pau (M.N.A.A.) do Pulmar de Bn-gança, Rui Marçal.
		14	Cama com inscrição em marfim do averm. João da Costa Lopes Lisboa ↑ Yri-gama, Santo Pinto	
		15	Cama de bilros de D.Celeste Cabral ↑ Évora	
		16	Cama de bilros do ^{Sr.} Dr.Semião Pinto de Mesquita Porto. Guimarães	

SÉC.	FIG.	A PRETO E BRANCO	COLORIDA
XVII	17	Cama de ébano e prata do Snr. António Lencastre - Porto	
	18	Cadeira de braços do Mosteiro de Odiveelas (M.N.A.A.)	
	19		Cadeira de braços do Snr. Carlos de Sousa - Porto
	20	Cadeira de couro lavrado do Convento de St ^a . Clara de Coimbra (M.N.A.A.)	
	21	Banco forrado a couro - Museu Regional de Lamego	
	22	Mesa de lira com embutidos de marfim do Eng ^o . Bernardo Ferrão - Foz do Douro	
	23	Bufete de 6 pernas torneadas - Fundação Ricardo Espírito Santo, Lisboa (F.R.E.S.)	
	24	Bufete de Saial arrendado (a escolher)	
	24	Conjunto de 4 costureiras do Séc. XVII (fotografias do existentes) <i>autor</i> .	
	25	Arca de vinhático e pau santo do Arq ^o . Fernando de Távora, Foz do Douro	
	26	Arca da sacristia da Sé Nova - Coimbra	<i>Auxiliário da abadia de Alcobaca.</i>
	27	<i>Contador de pau santo com embutidos, sobre armário. Dr. Pedro Homem de Melo, Porto.</i>	Contador de pau santo com embutidos sobre armário - Dr. Pedro Homem de Melo - Porto
	28	Contador de embutidos sobre trempe de lira, Artur de Sandão, Viana do Castelo <i>Porto.</i>	
	29	Contador com saial arrendado <i>de 5 pernas de "roca" com saial vazado - Sup^o. Henrique Chaves, Lisboa.</i>	
	30		Armário de 2 corpos do Snr. Alvaro César Machado - Foz do Douro <i>Armário, lacunado de duas madeiras - Alvaro César Machado, Foz do Douro.</i>

SÉC.	FIG.	A PRETO E BRANCO	COLORIDA
XVII	32	Armário de talha da Casa das Brolhas ↑ lamego	
	32		Orgão lacado do Museu da Sé de Braga
	33	Cama indo-portuguesa da família Lemos de Magalhães ↑ Moreira da Maia	
	34		Mesa indo-portuguesa de embutidos de marfim - Museu do Carmulo
	35	Contador forrada a tartaruga da F.R.E.S.	
	35	Contador indo-português ^{com} dos Almadas - Lisboa ^{sufrido} de Madeira - Cnide do Lavourado, Lisboa.	
	36		Escritório entalhado e lacado - Eng ^o . Couto Soares - Porto
	39	Arca gravada do Museu-Biblioteca Braancamp Freire-Santarem	
	37		Armário indo-português de sândalo do Museu Municipal de Viana do Castelo
	38	Cama de pau tauris com dozel do Sr. Artur de Sândalo - Porto	
XVIII D. João V	41	Cama D. João V do Sr. Artur de Sândalo - Viana do Castelo	
	38	Cama, idem, da Casa-Museu Teixeira Lopes - Vila Nova de Gaia ^{Cama D. João V de pau tauris do Sr. Artur de Sândalo, Porto.}	
	40	Preguiceiro da colecção Dr. Anastácio Gonçalves ↑ Lisboa (C.A.G.)	
	41		Cama pintada do Dr. Amador Valente - Lisboa
	42		Cadeiras forradas a couro do Córdova do Sr. João Fernandes - Porto
	43	Cadeira D. João V com couro gravado, da Casa-Museu de Guerra Junqueiro ↑ Porto (C.M.G.J.)	

SÉC.	FIG.	A PRETO E BRANCO	COIORIDA
	44	Cadeira D. João V da Casa do Castelo - Guimarães <i>de braços em folha de pau</i> do Sr. <i>Ant. Marques Pinto, Porto</i>	
	45	Cadeira de braços D. João V (C.M.G.J.)	
	46	Cadeira do Mosteiro de Lorvão (M.N.A.A.)	
	47	Bufete de 8 pernas do Paço Ducal de Vila Viçosa (P.D.V.V.) <i>Bufete de 8 pernas do Paço Ducal de Vila Viçosa (P.D.V.V.)</i>	Bufete de 8 pernas do Paço Ducal de Vila Viçosa (P.D.V.V.)
	48	Mesa entalhada do P.D.V.V. <i>Mesa entalhada do P.D.V.V.</i>	
	49	Mesa de abas de pau-santo do Sr. Arg. Augusto Amaral - Porto <i>Mesa de abas de pau-santo do Sr. Arg. Augusto Amaral - Porto</i>	<i>Credência pintada do Museu de Arte Sacra de Évora.</i>
	50	Mesa de abas de pau-santo do Sr. Arg. Augusto Amaral, Porto. <i>Mesa de abas de pau-santo do Sr. Arg. Augusto Amaral, Porto.</i>	Mesa entalhada do P.D.V.V.
	51	Armária lacada do Sr. Dr. Amaral Cabral - Lagos da Beira <i>Armária lacada do Sr. Dr. Amaral Cabral - Lagos da Beira</i>	Armária lacada do Sr. Dr. Amaral Cabral - Lagos da Beira
	52	Cama de D. José do Sr. Russel de Sousa - Porto <i>Cama de D. José do Sr. Russel de Sousa - Porto</i>	Cama de D. José do Sr. Russel de Sousa - Porto
	53	Cama de D. José do Sr. Russel de Sousa - Porto <i>Cama de D. José do Sr. Russel de Sousa - Porto</i>	Cama de D. José do Sr. Russel de Sousa - Porto
D. José	54	Cama de D. José do Sr. Russel de Sousa - Porto <i>Cama de D. José do Sr. Russel de Sousa - Porto</i>	Cama de D. José do Sr. Russel de Sousa - Porto
	55	Cama arrendada do Sr. Jorge Ávila Graça - Lisboa <i>Cama arrendada do Sr. Jorge Ávila Graça - Lisboa</i>	Cama arrendada do Sr. Jorge Ávila Graça - Lisboa
	56	Cama pintada do Sr. Jacinto Freire Tomado - Lisboa <i>Cama pintada do Sr. Jacinto Freire Tomado - Lisboa</i>	Cama pintada do Sr. Jacinto Freire Tomado - Lisboa
	57	Cama de D. José do Sr. Russel de Sousa - Porto <i>Cama de D. José do Sr. Russel de Sousa - Porto</i>	Cama de D. José do Sr. Russel de Sousa - Porto
	58	Cama de D. José do Sr. Russel de Sousa - Porto <i>Cama de D. José do Sr. Russel de Sousa - Porto</i>	Cama de D. José do Sr. Russel de Sousa - Porto
	59	Cama com embutidos do Sr. Carlos Cardoso - Foz do Douro	
	60	Cadeira D. José do Sr. Russel de Sousa - Porto	
	61	Fauteil do Sr. Eng. Henrique Chaves - Lisboa	
	62	Cadeira D. José do M.N.A.A. - <i>Arquivo Fratelli Fabbrici.</i>	
	63	Cadeira de escritório do Sr. Duque de Palmela - Lisboa	

SÉC.	FIG.	A PEDRO E BRANCO	COLORIDA
	64		Cadeira de braços dourada do P.D.V.V.
	65	<i>Cadeira de jacaranda da Capela de Buenos Aires (Argentina)</i>	
	66	Mesas de encostar D. José da família Olazabal - Museu Nacional de Soares dos Reis (M.N.S.R.)	
	67	<i>Vista do campo de São Cruz, Porto</i>	<i>Cadeira Crelho, Lisboa</i>
	67	Papeleira do Dr. Amoral	
	68	Comoda de pau ferro de Sr. F. F. Ferrão, Lisboa	
	69	Papeleira de pau ferro do Sr. F. F. Ferrão, Porto	
	70		
	71	<i>Comoda de pau ferro de Sr. F. F. Ferrão</i>	<i>Papeleira lacada da Fábrica da Vista Alegre - Vagos</i>
D. Maria I	72	Cama da coleção Barros-Porto	
	73	<i>de madeira</i> Cama de D. Maria do Sr. Jorge Ávila Graça - Lisboa	
	74		Cama pintada da Quinta da Póvoas - Agueda
	75		Conjunto neo-clássico da F.R.E.S. (arg. F.F.40.331)
	76		Conjunto de 3 cadeiras D. Maria - Eng. Ferrão - Porto - M.N.A.A. - Lisboa - M.N.S.R. - Porto
	76		<i>de f.r.e.s.</i>
	77		Sofá e cadeira de pau ferro (arg. F.F.40.331)
	78	<i>Papeleira com embutido da família Vico de Vico, Porto.</i>	Cadeira de braços de extinta Câmara dos Pares (M.N.A.A.)
	79		Comoda D. Maria I (F.R.E.S.)
XIX	77		Cadeira de braços do Museu da Assembleia Nacional - Lisboa

Se for possível, mais as seguintes:
 Contador (arg. F.F. 361.779)
 Comoda (idem, 361.777)
 Comoda-oratório (idem, 361.799)

30/10/968

Ferrão

FRATELLI FABBRI EDITORI

di G. D. R. Fabbri & C. s.a.s.

20138 MILANO - Via Mecenate, 91 - Tel. 50.95

Indirizzo telegrafico: LIBRIFABBRI - MILANO

C. C. Postale n. 3/32784 - C. C. di Milano n. 354638

Capitale versato 1.000.000.000

Rif. RN/ac/mb
(indispensabile citare nella risposta)

Gentile Dottore
Bernardo Ferrao
Beco de Senhora da Luz
no.24 For do Douro
PORTO

Milano, 30 ottobre 1968

Gentile Dottore,

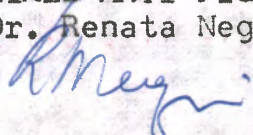
ho saputo dal nostro ufficio copyright che il contratto inerente alla sua collaborazione per l'Enciclopedia delle Arti Decorative è stato spedito con un notevole ritardo, questo purtroppo a causa della mole di lavoro esistente in questo ufficio, e che contemporaneamente le è stato mandato un telegramma per richiederle la lista delle illustrazioni. Ora vorrei che lei scusasse questo contrattempo, tenendo presente che, sì la lista ci occorre con una certa urgenza, ma che dato il ritardo con cui è stato spedito il contratto, lei potrà anche posticipare la data stabilita. Naturalmente quanto prima ce la vorrà inviare tanto più gliene saremo riconoscenti.

Per spiegarle questo spiacevole inconveniente le dirò anche che la nostra ditta sta per essere riorganizzata e dovendo praticare degli spostamenti all'interno della stessa si sono venute a creare simili situazioni, del resto piuttosto comprensibili. Le comunico, intanto, che anch'io d'ora in avanti cambierò lavoro e non mi occuperò più del settore artistico; al mio posto è venuta la Dottoressa Marina Brizi.

Nel quadro di questa riorganizzazione si è anche pensato di introdurre un archivio dettagliato di tutte le persone che hanno collaborato e che speriamo vogliano ancora prestarci il loro aiuto nelle nostre iniziative editoriali. Le sarei pertanto grata se mi potesse inviare un curriculum della sua attività che ci verrebbe molto utile nell'impostazione del suddetto archivio.

La ringrazio anticipatamente per quanto vorrà fare e con rinnovate scuse le invio i più cordiali saluti.

EDITORIALE ARTI FIGURATIVE
Dr. Renata Negri



Entre M. BERNARDO FERRAO - Beco da Senhora da Luz no. 24 For do Douro Porto (Portugal) (ci-de-suite dénommé l'"Auteur") d'une part

et la Maison Fratelli Fabbri Editori, légalement représentée par Mr. Giovanni Fabbri, Via Mecenate, 91 Milan (ci-de-suite dénommée "les Editeurs") d'autre part

étant donné que la Maison d'édition FRATELLI FABBRI est en train de réaliser une encyclopédie dédiée aux Arts décoratifs et qu'elle entend confier la rédaction d'un essai à M. FERRAO qui accepte d'y procéder, en considération donc de quant ci-dessus déclaré et des accords mutuels dont à ce contrat les parties conviennent ce qui suit:

1) L'Auteur s'engage à rédiger d'après les indications fournies par les Editeurs, un essai concernant: "Le meuble portugais", d'environ quinze pages dactylographiées, chaque page étant de deux mille frappes (trente lignes de soixante sept lettres chaque) accompagné d'une page bibliographique concernant le sujet traité dans l'essai.

2) L'Auteur s'engage en outre à soumettre aux Editeurs dans le 30 octobre 1968 une liste des reproductions choisies (trente en couleurs et quarante en blanc et noir) pour la partie illustrative de l'essai. Pour la préparation de cette liste les Editeurs s'engagent à soumettre à l'Auteur des copies en blanc et noir du matériel existant dans leurs archives.

Au cas où l'Auteur ne jugerait pas suffisant pour l'illustration du texte le matériel dont ci-dessus l'Auteur s'engage a faire parvenir au plus tôt aux Editeurs une copie blanc et noir des illustrations choisies parmi celles par lui indiquées d'accord avec le Directeur de la Collection.

3) L'Auteur s'engage à livrer l'essai aux Editeurs en double copie dactylographiée, accompagné des indications et du matériel dont au paragraphe 2) ci-dessus, dans le 30 novembre 1968.

Le terme de livraison indiqué dans ce paragraphe ainsi que celui du paragraphe 2) ci-dessus sont essentiels.

Au cas où l'Auteur ne respecterait pas les sus-dit termes les Editeurs se réservent le droit de considérer le présent contrat comme nul et non avenu avec effet immédiat.

4) De tout le matériel dont au paragraphe 1) l'Auteur agissant pour soi, ses héritiers et ayants cause à n'importe quel titre cède aux Editeurs la propriété littéraire et le droit exclusif d'impression, publication et vente en Italie et à l'étranger, dans toute langue pour la période maximum consentie par la loi.

Les Editeurs auront le droit d'utiliser l'essai de l'Auteur même dans des ouvrages autres que celui dont dont à la prémisses du présent contrat et sous de différentes formes de publication.

5) Les Editeurs se réservent le droit de transférer à des tiers, complètement ou en partie, en Italie et à l'étranger, les droits dont à ce contrat?

6) L'Auteur assure les Editeurs que le texte qu'il va fournir d'après ce contrat est original et de sa production intellectuelle.

7) Au cas où l'essai livré par l'Auteur ne répondrait pas aux critères convenus avec les Editeurs ou révélerait en tout cas des fautes de forme ou contenu l'Auteur s'engage à y apporter les convenables modifications.

Au cas où les mêmes ne satisferaient pas les Editeurs ceux-ci auront la faculté de résoudre le présent contrat avec effet immédiat.

Les Editeurs auront aussi le droit d'apporter des modifications même directement les soumettant si substantielles à l'approbation de l'Auteur.

8) D'après requête de l'Auteur, les Editeurs lui feront parvenir les premières épreuves de son essai qu'il s'engage à corriger, et à rendre dans quinze jours dès réception des mêmes.

Au cas où l'Auteur ne rendrait pas les épreuves dans ce délai les Editeurs auront le droit de publier le texte ainsi qu'il a été livré par l'Auteur aux Editeurs après la seule révision éditoriale réalisée aux soins des Editeurs.

9) Les Editeurs s'engagent à faire parvenir à l'Auteur, à titre gratuit cinq copies du fascicule où l'essai dont ci-dessus sera publié.

10) Pour tout ce qui est prévu dans ce contrat, les Editeurs s'engagent à payer à l'Auteur le montant total et forfaitaire de L. 125.000.= (cent vingt cinq mille) à correspondre comme il suit: L. 55.000.= (cinquante cinq mille) à la conclusion du contrat; L. 70.000.= (soixante dix mille) à l'approbation des Editeurs du texte complet, corrigé et prêt pour l'impression.

11) La faculté est réservée aux Editeurs de conclure des accords concernant adaptations radiophoniques et télévisées du texte dont à ce contrat. Tout éventuel profit net dérivant de la cession du seul droit d'auteur relatif au texte dont au paragraphe 1) ci-dessus sera partagé dans la mesure de 50% (cinquante pour cent) entre l'Auteur et les Editeurs.

12) Pendant toute la durée de cet accord les Editeurs auront le droit de réaliser le nombre d'éditions et de les distribuer dans le nombre de réimpressions qu'ils jugeront convenable.

Le tirage minimum des ouvrages dans lesquels paraîtra le texte de l'Auteur sera de mille exemplaires.

Les Editeurs se réservent le choix des types d'édition (papier, caractères, illustrations, nombre de pages, etc.) la fixation et les modifications du prix de couverture et du titre.

Même après l'échéance de ce contrat les Editeurs auront le droit de continuer la vente jusqu'au complet épuisement des copies en stock.

13) Tout différend relatif au présent contrat sera confié à un Collège de trois arbitres qui auront à décider d'une façon équitable et seront dispensés de se conformer aux règles du droit substantiel et processif.

Chaque partie choisira un arbitre dans le délai de vingt jours de la demande à ce sujet, rédigée et envoyée par lettre recommandée d'une des parties à l'autre partie.

Au cas où l'une des parties ne communiquerait pas à l'autre partie dans le terme dont ci-dessus le nominatif de son arbitre le même sera nommé par le Président du Tribunal de Genève sur demande de l'autre partie.

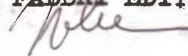
La partie la plus diligente demandera au Président du Tribunal la désignation du Président du Collège arbitral au cas où les arbitres choisis par les parties ne s'accorderaient pas sur sa nomination dans vingt jours dès l'acceptation de la tâche.

Les arbitres ainsi nommés prononceront le jugement arbitral dans soixante jours de la date d'acceptation du Président du Collège arbitral. Aucune contestation n'est admise contre le jugement arbitral ainsi prononcé.

Porto, le

BERNARDO FERRAO

FRATELLI FABBRI EDITORI



TELEGRAMA

211TD PORTO P

Linha ou mesa n.º
 Estação
 Entendido às
 Por

Nos pressores
 estação ex COL 24 30 1968
 indica as palavras e os restantes designam a data
 e a hora da aceitação.
 A hora menciona-se por um grupo de quatro
 algarismos; os dois primeiros indicam as horas e
 os dois últimos os minutos (0001 a 2400).



19

Número local	Categoria	Destino	mero origem	Palavras	Data	Hora
P4074		MILANO	55037	1	24	1640

Via e outras indicações de serviço, não taxadas

= PRIERE EXCEUSER DELAI DANS EXPEDITION CONTRAT ENVOYE
 AUJOURD'HUI ATENDONS QUANDMENE LISTE ILLUSTRATIONS DANS 30
 OCTOBRE 1968 REMERCIEMENTS SALUTATIONS LIBRI FABBRI

Telegrama N.º 719

DR BERNARDO FERRÃO

BECO DA SENHORA

DA 11Z 24 F07

DODOURO PORTO

O distribuidor entregará sempre um recibo quando tiver de cobrar qualquer taxa.

Este telegrama deve acompanhar qualquer reclamação que se fizer sobre erros de transmissão ou demora na entrega.



FRATELLI FABBRI EDITORI

di G. D. R. Fabbri & C. s.a.s.

20138 MILANO - Via Mecenate, 91 - Tel. 50.95

Indirizzo telegrafico: LIBRIFABBRI - MILANO
C. C. Postale n. 3/32784 — C. C. di Milano n. 354638
Capitale versato 1.000.000.000

Rif. RN/eg/mb
(indispensabile citare nella risposta)

Gentile Dottore
Bernardo Ferrao
Quinta de Pova
Recardoes-Agneda

Milano, 8 ottobre 1968

Gentile Dottore,

oggi ho parlato con il Dottor Gonzalez che mi ha confermato che il suo saggio dovrà iniziare dal 1400 in poi, al massimo dal 1375.

Inoltre andrà bene che lei non tratti, il ventesimo secolo in Portogallo: per quanto riguarda la lunghezza del testo, esso potrà pure raggiungere le 18-19 cartelle.

Mi è gradita l'occasione per porgerle il mio più cordiale saluto.

EDITORIALE ARTI FIGURATIVE

Dr. Renata Negri

R. Negri

FRATELLI FABBRI EDITORI

di G. D. R. Fabbri & C. s.a.s.

20138 MILANO - Via Mecenate, 91 - Tel. 50.95

Indirizzo telegrafico: LIBRIFABBRI - MILANO
C. C. Postale n. 3/32784 — C. C. di Milano n. 354638
Capitale versato 1.000.000.000

Rif. RN/eg/mb
(indispensabile citare nella risposta)

Gentile Dottore
Barnardo Ferrao
Quinta de Povia
Recardoes-Agneda

Milano, 2 ottobre 1968

Gentile Dottore,

la ringrazio vivamente per la sua lettera del
24 settembre.

A questo proposito riceverà al più presto dal
nostro ufficio copyright il contratto per la sua collabora-
zione.

Per quel che riguarda l'impostazione del suo
testo, saprò darle una risposta più precisa dopo averne par-
lato con il Dottor Gonzalez che deve venire da noi in setti-
mana.

Mi è gradita l'occasione per porgerle tutti i
miei più cordiali saluti.

EDITORIALE ARTI FIGURATIVE

Dr. Renata Negri



A "Fratelli Sabri Edizioni"
Via Mecenate, 91 Via Lario
Italia

Agneda, le 29/ septembre/1968

Chers Nestiers

l'opportune
J'accuse réception de vos lettres de
29 août et des 6, 12 et 19 du courant mois,
~~ainsi que j'ai bien compris, les photos et les~~
~~photos et publications incluses~~
~~de la lettre de N. Pirella Relac-~~
cion du 2 août.

J'effrayais mes écrits dans une langue
française mais je ne peux pas le faire dactylo-
graphique par ici, à la Cambodge, je
n'ai pas de machine à écrire.

Je comprends que les droits d'auteur
de C. 125.000 comprennent à la fois les edi-
tions et traductions éventuelles de 2^e genre;
que me sont fournis 10 exemplaires de
la publication; et un tiers des dimanches
et ~~autres~~ concernant les photos ~~liées~~
à ~~la~~ ~~deux~~.

Des photos reçues (10 en blanc et
noir et ~~autres~~) il y en a quelques unes
en couleur.

qui sont, ~~les~~ sans doute, parfaits,
mais les autres ne le ~~sont pas~~ ~~est~~
car elles sont peu représentatives
ou déjà trop connues.

~~Je~~ vous la fin de ce mois
je dois vous envoyer la
~~liste~~ des photos ~~à~~ dans
le verso (vers de 30 en blanc et moi
et 30 en couleurs) ~~après~~ considérant
les photos préférables de vos archives.

N'ayant ~~pas~~ de projection ni
intérêt le mobilier mobilier du
XX^e siècle, je ~~peux~~ que de trouver
sembler cette époque par un résumé
de son évolution dans les ~~siècles~~
XII^e à XIV^e siècles; ça ~~me~~ comprend
à ~~peu~~ ~~de~~ vers de 30 et 8 photos.

attendant

, peut être
vrai, ~~parce que~~ ~~vous~~ comme une m'eu.
différez le, XV^e siècle étant le début de
l'étude, je ~~me~~ nuancerais vs mix-
tification sur ce sujet.

y'ai fait le verso ébauché ~~par~~
XVIII^e siècle ~~comme~~, ce ~~document~~ ~~est~~ le
fini complètement dans le délai prévu,
la fin Membre.
Avec mes compliments des derniers

FRATELLI FABBRI EDITORI

di G. D. R. Fabbri & C. s.a.s.

20138 MILANO - Via Mecenate, 91 - Tel. 50.95

Indirizzo telegrafico: LIBRIFABBRI - MILANO
C. C. Postale n. 3/32784 - C. C. di Milano n. 354638
Capitale versato 1.000.000.000

Rif. RN/eg/mb
(indispensabile citare nella risposta)

Gentile Dottore
Bernardo Ferrao
Quinta de Pova
Recardoes-Agneda
(Portugal)

Milano, 19 settembre 1968

Gentile Dottore,

le invio qui accluse quattro copie in bianco e nero corrispondenti a fotografie a colori in nostro possesso, che potrebbero interessarla per il saggio che le abbiamo proposto di redigere.

A questo proposito le sarei grata se mi facesse avere una risposta in merito alle lettere che le scrissi il 29 agosto, il 6 e il 12 settembre.

In attesa di risentirla, la prego di gradire tutti i miei più cordiali saluti.

FRATELLI FABBRI EDITORI

Dr. Cecilia Merighi

Cecilia M-1

F. TELLI FABBRI EDITORI

di G. D. R. FABBRI & C. s. a. s.

20138 MILANO - Via Mecenate, 91 - Tel. 50.95

Indirizzo telegr.: LIBRIFABBRI

C. C. Postale n. 3/32784 — C. C. di Milano n. 354638

Rif. RN/eg/mb
(indispensabile citare nella risposta)

Gentile Dottore
Bernardo Ferrao
Quinta Da Povoa
Recardoes-Agneda
(Portugal)

Milano, 12 settembre 1968

Gentile Dottore,

le invio qui acclusi alcuni inserti
di una nostra pubblicazione in cui sono riprodotti
dei pezzi che forse la possono interessare e di cui
possediamo le diapositive a colori.

In attesa di avere una sua risposta
anche per quanto riguarda l'ultima lettera che le
ho inviato, la prego di gradire tutti i miei più
cordiali saluti.

EDITORIALE ARTI FIGURATIVE

Dr. Renata Negri

Renata Negri

FRATELLI FABBRI EDITORI

di G. D. R. Fabbri & C. s.a.s.

20138 MILANO - Via Mecenate, 91 - Tel. 50.95

Indirizzo telegrafico: LIBRIFABBRI - MILANO
C. C. Postale n. 3/32784 — C. C. di Milano n. 354638
Capitale versato 1.000.000.000

Rif. RN/eg/mb
(indispensabile citare nella risposta)

Gentile Dottore
Bernardo Ferrao
Quinta Da Povoa
Recardoes - Agneda
(Portugal)

Milano, 6 settembre 1968

Gentile Dottore,

in seguito al colloquio avuto ieri con il Dottor Gonzalez, recatosi da noi, posso ora rispondere alle domande da lei postemi nella sua lettera del 29 luglio scorso che ora mi è stata anche tradotta.

Innanzitutto, per quel che riguarda il problema della raccolta del materiale fotografico, noi le chiediamo solo di darci un elenco dei pezzi che lei desidera vengano riprodotti nel suo saggio, poi saremo noi che ci occuperemo di ordinare le fotografie ai musei e alle collezioni.

Inoltre, sempre a questo proposito, noi possediamo già del materiale a colori sull'argomento e per questo le invio qui accluse le copie in bianco e nero corrispondenti a fotocolor dei nostri archivi sul mobile portoghese. Riceverà anche, al più presto, delle stampe a colori, sempre corrispondenti a diapositive da noi possedute. In tal modo lei potrebbe scegliere da questa documentazione gran parte dei pezzi da riprodurre a colori, cosa che ci faciliterebbe molto, naturalmente, e per la parte in bianco e nero dovrebbe indicarci i pezzi che le interessano e il nostro settore fotografico si occuperà di mettersi in contatto direttamente con i musei per ottenerne le fotografie desiderate.

Il compenso di L. 125.000 propositole comprende tutte le edizioni, anche quelle eventuali in lingua straniera, dell'enciclopedia.

Sarei lieta di proporle anche altri argomenti per questa nostra pubblicazione, ma, purtroppo, essi sono già stati tutti assegnati: terrò comunque conto della sua offerta nel

F.LLI FABBRI EDITORI

MILANO

caso dovessimo realizzare qualche altra opera sugli studi da lei effettuati.

Spero di risentirla al più presto e nel frattempo la prego di gradire tutti i miei migliori saluti.

EDITORIALE ARTI FIGURATIVE

Dr. *R. Negri* Negri

FRATELLI FABBRI EDITORI

di G. D. R. Fabbri & C. s.a.s.

20138 MILANO - Via Mecenate, 91 - Tel. 50.95

Indirizzo telegrafico: LIBRIFABBRI - MILANO
C. C. Postale n. 3/32784 — C. C. di Milano n. 354638
Capitale versato 1.000.000.000

Rif. RN/eg/mb
(indispensabile citare nella risposta)

Gentile Dottore
Bernardo Ferrao
Beco de Senhora de Luz
No.24 For de Douro
PORTO
(Portogallo)

Milano, 29 agosto 1968

Gentile Dottore,

appena tornata dalle vacanze estive, che per la nostra ditta sono iniziate il 2 agosto e terminate il 26, trovo la sua lettera del 29 luglio a cui non ho dunque potuto dare alcuna risposta sino ad ora.

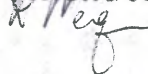
Inoltre, purtroppo, nessuno di noi conosce la lingua portoghese, per cui la sua lettera si trova ora in traduzione: la prego perciò di scusarmi, ma le potrò rispondere dettagliatamente tra una settimana circa, solo quando ne avrò conosciuto il contenuto.

A questo proposito, per poter facilitare la nostra corrispondenza, le sarei grata se lei fosse così gentile da scrivermi in inglese o in francese, cosa che farò anch'io, nel caso lei non conosca l'italiano. Per noi, comunque, andrebbe anche bene ricevere le sue lettere in lingua portoghese, ma dattiloscritte: in tal modo potremmo riuscire a tradurle più facilmente.

Scusandomi ancora una volta per questo inconveniente, resto in attesa di sentirla in merito e la prego di gradire nel frattempo il mio più cordiale saluto.

EDITORIALE ARTI FIGURATIVE

Dr. Renata Negri



Carta em 30/8 a Vd. de João
avida nos duques e a
declara mi pretivei adata
de enciclopedia de me leira e fabrici

VIA DELLA CHIESA, 93
FIRENZE

2 VIII 68

Distinguido Señor,

no ha sido fácil poder decifrar su caligrafía en portugués -me excuse por lo tanto si no respondo con acierto a todas sus preguntas.

La Enciclopedia a la cual se destina su trabajo sobre los muebles portugueses estará exclusivamente dedicada a las artes decorativas europeas (y americanas) desde a principios del siglo XV hasta el 1925 ca. Cada autor se ocupará de su argumento teniendo en cuenta estos límites cronológicos, pero está libre de dedicar mayor espacio a las épocas que considere más importantes. Por ejemplo: el siglo XVIII en Francia será tratado con mayor amplitud que el siglo XVI en ese mismo país.

Por lo que se refiere a las fotografías: nosotros tenemos ya, como le dije, un cierto número de fotos en colores que hoy mismo le enviaré en copia sepia (cada copia, naturalmente, corresponde a un original a colores del archivo Fabbri de Milán). A este material, Vd. podrá agregar las fotos que sean necesarias y no es indispensable que Vd. utilice necesariamente todas las fotos que ya tenemos, aunque preferiríamos que Vd. usase la mayor cantidad posible. Está Vd. en su pleno derecho a utilizar o recomendar fotos de muebles en posesión de privados si los considera importantes. Todas las fotos son pagadas por el editor.

Si entiendo bien lo que dice, le aclaro que el pago que el editor hace debe considerarse total por su trabajo. El editor se reserva el derecho de traducir su escrito en otras lenguas. Vd. recibe diez copias de su publicación.

Si hay algo que no le resulta aún claro, le ruego de escribirme lo antes posible. Pero escríbame Vd. a máquina (dactilográfica) si no no comprenderé del todo lo que desea saber.

Le saluda muy cordialmente,

A. Gonzalez-Palacios

Yo estaré hasta el 27 de agosto en:

Presso Mirabello
San Fantin 1909,
Venezia, Italia.

G. MILIANI FABRIANO

FRATELLI FABBRI EDITORI

di G. D. R. Fabbri & C. s.a.s.

20138 MILANO - Via Mecenate, 91 - Tel. 50.95

Indirizzo telegrafico: LIBRIFABBRI - MILANO

C. C. Postale n. 3/32784 - C. C. di Milano n. 354638

Capitale versato 1.000.000.000

Rif. RN/ac/mb
(indispensabile citare nella risposta)

Gentile Dottore
Bernardo Ferrao
Beco da Senhora da Luz
no. 24 For do Douro
PORTO

Milano, 22 luglio 1968

Gentile Dottore,

anzitutto la prego di scusarmi se la sto disturbando, ma vorrei parlarle di una delle nostre nuove collane per la quale sarei davvero lieta di potermi valere del suo aiuto.

Mi sono rivolta a lei su consiglio del Professor Robert Smith il quale mi ha anche detto che lei sta scrivendo un libro sull'argomento che pure noi vorremmo proporre.

Si tratterebbe infatti di comporre una quindicina di pagine sul mobile portoghese corredate da 30 illustrazioni a colori e altrettante in bianco e nero. Dimenticavo di dirle che ^{in volume} questa collana è composta di fascicoli che verranno poi raccolti ⁱⁿ modo da formare una vera e propria enciclopedia delle arti decorative.

Per quanto riguarda le illustrazioni, lei dovrebbe fornirci una lista, dopo aver preso in visione il materiale già esistente nei nostri archivi che a dire il vero è parecchio.

Se lei è d'accordo possiamo accordarle come data di scadenza del testo il 30 novembre prossimo e per la lista il 1 di settembre. Il compenso che le offriamo per la sua prestazione è di 125.000 lire.

Spero che lei possa prendere in considerazione questa mia proposta e in attesa di avere presto sue notizie la prego di accettare i miei più cordiali saluti.

*Caro 29/7 respinto a
verificare a P. Valerio e
verificare le condizioni
indicate nel nostro catalogo
e altre decorative, nonché
index-bibliografico e mappe*

EDITORIALE ARTI FIGURATIVE

Dr. Renata Negri

R. Negri

6 VII 68

Estimado Señor:

No sabiendo a ciencia cierta en que lengua escribirle opto por el español que espero comprenderá fácilmente. El Prof. Robert C. Smith me ha indicado su nombre a propósito de un pequeño artículo sobre el mueble portugués que necesito para una enciclopedia del editor Fabbri de Milán que estoy organizando. Contamos ya con la colaboración de muchos autores de varios países de Europa y espero que la cosa le pueda resultar a Vd. agradable. Se trata de escribir alrededor de quince páginas mecanografiadas sobre el desarrollo del mueble portugués desde a principios del siglo XV hasta el 1925 más o menos: claro que tendrá Vd. la posibilidad de concentrar su atención en las épocas que considere más importantes, aunque, naturalmente, deberá mencionar los principales aspectos de toda la historia de este aspecto del arte decorativo portugués. La editorial Fabbri cuenta ya con un buen número de fotos de muebles portugueses hechas, casi todos, en el Museo de Arte Antiga de Lisboa, en el Victoria and Albert de Londres, en la Fundação Espiritu Santo; nosotros pondríamos a su disposición este material que tiene que ser probablemente integrado con nuevas fotos a colores y en sepia. Pensamos de ilustrar su texto con 50 o 60 fotos.

Este material nos hace falta para octubre o a más tardar noviembre de este año: me doy cuenta de que el tiempo a disposición no es demasiado pero por otra parte quince páginas de texto non son demasiado trabajo para una persona que ya conozca el asunto. Podremos pagar unos doscientos dólares por este escrito.

Le ruego de responderme lo antes posible dada la urgencia de este trabajo. Le saluda muy atentamente,

A. Gonzalez Palacios
A. Gonzalez-Palacios

Puede Vd. escribirme en portugués, italiano, francés, español o inglés. Dígame si prefiere que yo le responda en otro idioma.

*En 15/7/68 se me avisó con urgencia, me comunicaron de
un curso de condiciones contractuales, por el momento del di-
nóstico de salud e 'indicaciones de tipo de actividades e 'supervisión
de cruceros', pero como de urgencia de John de Barcelona.*

Ⓟ